

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**A REPRESENTAÇÃO DE ESTER NA
MINISSÉRIE BÍBLICA DA TV RECORD**

CRISTIANE ALVES DE AZEVEDO SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de mestre em Comunicação.

**SÃO PAULO
2012**

**UNIVERSIDADE PAULISTA
PROGRAMA DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**A REPRESENTAÇÃO DE ESTER NA
MINISSÉRIE BÍBLICA DA TV RECORD**

CRISTIANE ALVES DE AZEVEDO SOUZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientador: Profª Dra. Anna Maria Balogh

**SÃO PAULO
2012**

Souza, Cristiane Alves de Azevedo.

Representação de Ester na minissérie bíblica da *TV Record* /
Cristiane Alves de Azevedo Souza - 2012.

86 f. : il. color. +CD-ROM.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo,
2012.

Área de Concentração: Comunicação Midiática.

Orientador: Prof^a Dra. Anna Maria Balogh.

1. Minissérie. 2. Semiótica. 3. Transmutação. 4. Heroína.
5. Texto bíblico. I. Título. II. Balogh, Anna Maria (orientadora).

CRISTIANE ALVES DE AZEVEDO SOUZA

**A representação de Ester na minissérie bíblica da
TV Record**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP para a obtenção do título de mestre em Comunicação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____/_____/_____
Professora: Doutora Anna Maria Balogh

_____/_____/_____
Professora: Doutora Isabel Orofino - ESPM

_____/_____/_____
Professora: Doutora Solange Wajnman

AGRADECIMENTOS

À minha querida professora orientadora Anna Maria Balogh, por dividir conhecimentos, pela paciência com minha inexperiência e por sempre me ajudar a escolher o melhor caminho a seguir.

À minha banca de qualificação, Prof^a Dr^a. Isabel Orofino, Prof^a Dr^a. Solange Wajnman, pelas considerações que tanto ajudaram na finalização desse trabalho.

À minha família original, pai e mãe tão amados, Carlito e Vera, que me ensinaram o verdadeiro significado do amor.

À minha família querida, Maurício e Gustavo, que sempre me acompanharam pacientemente nessa importante etapa da minha vida.

À minha irmã e cunhado, Lilian e Colle, pela rica ajuda e paciência na reta final.

À família Marrese que me apoiou desde início desse curso com muita paciência, especialmente Rita e Sílvia.

Aos meus colegas de mestrado Carlão, Élcio e Rita Ibarra que com seus conhecimentos estão incluídos neste trabalho, a parte de pensamentos e ensinamentos.

Aos funcionários da secretaria da UNIP, pelo apoio durante todo o curso.

RESUMO

Esta dissertação analisa a narrativa e o discurso da minissérie *A História de Ester*, escrita por Vivian de Oliveira e exibida pela Rede Record de Televisão em dez capítulos apresentados entre 3 de março e 1 de abril de 2010. A linha que orienta a pesquisa é a teoria semiótica francesa desenvolvida por Greimas e pelo *Groupe d'Éntrevernes*. A dissertação se divide em cinco capítulos. Como o objeto desta pesquisa é uma minissérie transmutada de um texto bíblico, o trabalho enfatiza a importância de um livro com nome feminino no Antigo Testamento. Em relação ao texto de chegada, neste trabalho definiu-se o formato minissérie, apresentou-se a Rede Record de Televisão, pois apesar de ser a emissora brasileira mais antiga em atividade ela é pouco pesquisada. Assim, foram detalhadas a linha do tempo das minisséries brasileiras, a produção da minissérie, os núcleos e perfis dos personagens, bem como analisada e decupada a vinheta de abertura. Foram escolhidas as temáticas do amor, da guerra e da ambição para as análises narrativas e discursivas, as quais fazem o papel de delimitadoras isotópicas dessa trama, ou seja, o fio condutor dos seus percursos.

Palavras-chave: Minissérie; semiótica. transmutação; heroína; bíblico.

ABSTRACT

The dissertation analyse the narrative and the discursive aspects the miniseries *A História de Ester*, written by Vivian de Oliveira and transmited by Rede Record in 10 chapters presented from march 3 to april 10. The guide line of the research is the semiotics theory developed by A.J.Greimas and the Groupe d'Étrevernes. The essay is divided in ten chapters. Due to the fact the object of the research is a transmuted miniseries of a biblical text, it emphasizes the importance of a book with a female name at in the old Testament. The format miniseries has been chosen, Rede Record has been presented, because although it is the oldest brazilian television channel, it is little investigated. We have detailed the timeline of brazilian miniseries, its production, the core and profiles of the characters. We have analised and done the decoupage of the opening vignette. We have chosen the theme of love, war and ambition as the axis of for the narrative and discursive analysis, which play the role of isotopic boundaries of this plot, the thread of their journeys.

Keywords: Miniseries, semiotics, transmutation, heroin, biblical.

LISTAS DE FIGURAS

FIGURA 1 – Ester e a cidade de Susã.....	31
FIGURA 2 – O domínio Persa.....	31
FIGURA 3 – O encontro do feminino com o masculino.....	31
FIGURA 4 – A disputa pelo poder.....	32
FIGURA 5 – Peregrinação dos judeus.....	32
FIGURA 6 – Novo lar.....	32
FIGURA 7 – O harém real.....	33
FIGURA 8 – As riquezas Persas.....	33
FIGURA 9 – A guerra.....	34
FIGURA 10 – O poder de Assuero.....	34
FIGURA 11 – O amor de Ester e Assuero.....	35
FIGURA 12 – Coroação de Ester.....	35
FIGURA 13 – A vitória de Ester.....	35
FIGURA 14 – Oposições entre o amarelo e azul.....	36

LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 - O rei decreta que Ruben será eunuco.....	60
QUADRO 2 – Aparição da nova rainha (Ester).....	60
QUADRO 3 – Morte e vida dos judeus.....	60
QUADRO 4 – A morte dos pais de Hadassa.....	61
QUADRO 5 – A primeira troca de olhares entre Ester e Assuero.....	62
QUADRO 6 – Mordecai se nega a curvar-se diante de Hamã.....	62
QUADRO 7 – O rapto das virgens.....	62
QUADRO 8 – O tratamento de beleza das virgens.....	63
QUADRO 9 – O passeio a cavalo de Ester e Assuero.....	63
QUADRO 10- O dia do banquete oferecido por Ester ao rei e Hamã.....	63
QUADRO 11- Indicadores de passagem do tempo.....	64
QUADRO 12-Os eunucos Bigtã e Teres colocam Tafnes no harém.....	65
QUADRO 13-Os eunucos planejam a morte do rei com Hamã.....	65
QUADRO 14- Hamã humilha Mordecai quando chega Memucã.....	65
QUADRO 15- Localização da cidade de Susã.....	66
QUADRO 16- Povo e realeza.....	66
QUADRO 17- Vestuário dos serviçais reais.....	67
QUADRO 18- Moradia do povo X moradia da realeza.....	68
QUADRO 19- Transformações de Ester.....	69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. Justificativa	11
1.2. Metodologia	12
1.3. Instrumental teórico.....	13
2. APRESENTAÇÃO – O CONTEXTO DA MINISSÉRIE.....	15
2.1. Minissérie – Definição do formato.....	15
2.2. Linha do tempo das minisséries brasileiras	17
2.3. O contexto: Rede Record de Televisão	19
2.4. Apresentação da minissérie <i>A História de Ester</i>	20
2.4.1. Núcleo e perfil dos personagens da minissérie <i>A História de Ester</i>	22
2.5. A importância de Ester no Antigo Testamento.....	24
3. A VINHETA DE ABERTURA DE A HISTÓRIA DE ESTER	27
3.1. Paratextualidade em <i>A História de Ester</i>	27
3.2. Definição de vinheta.....	29
3.3. Descrição e decupagem da vinheta de abertura de <i>A História de Ester</i>	30
3.4. O cromatismo da vinheta de abertura de <i>A História de Ester</i>	36
4. ANÁLISE NARRATIVA DA MINISSÉRIE A HISTÓRIA DE ESTER.....	39
4.1. Narrativa – definições	39
4.2. Análise narrativa versus discurso na minissérie <i>A História de Ester</i>	42
5. ANÁLISE DISCURSIVA NA MINISSÉRIE.....	59
5.1. Discurso- Definição.....	59
5.2. Tempo e espaço em <i>A História de Ester</i>	61
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXOS	76

1. INTRODUÇÃO

No ano de 1982 estreava a primeira minissérie brasileira com a história de Lampião e Maria Bonita na Rede Globo. Era o início de um novo formato para deleitar os espectadores brasileiros, considerado de “luxo” pelo alto preço e pelo desafio da aceitação do público por ser uma obra “fechada” (BALOGH, 2002).

Desde então, já foram produzidas 110 minisséries, o que confirma a consagração como um produto de grande importância, com uma média de quatro produções por ano, e pelo horário tardio em que vão ao ar, geralmente, após as 22 horas, o reconhecimento do sucesso de público bem como o êxito em vendas ao exterior. Outros meios de comunicação como jornais, revistas, internet e programas específicos de televisão abriram um novo espaço de discussão a respeito das minisséries ao perceberem o crescente interesse do público.

Dentro do conjunto de formatos televisuais há diferenças ponderáveis e cabe à minissérie, formato privilegiado em termos de roteiro e elaboração em geral, a primazia no tocante à artisticidade; seria, em princípio, o formato no qual a função poética mais bem poderia se manifestar, diversamente dos seriados e novelas, com uma tendência muito maior ao aproveitamento de fórmulas e esquemas (BALOGH, 2002, p. 37).

Foi escolhida a minissérie de Ester, adaptada por Vivian de Oliveira e apresentada pela Rede Record de Televisão no ano de 2010, em dez capítulos no horário das 23 horas, por ser a primeira minissérie transmutada de um texto bíblico, e produzida por uma emissora que não apresentava esse tipo de formato há dez anos.

Nela, a presença, a coragem e a fé representadas por uma jovem judia de origem humilde, conquista o coração do rei da Pérsia e salva o povo judeu do que seria o primeiro *holocausto*, chamada Ester. O amor, o poder, a guerra, a religião e a inveja são algumas das temáticas que envolvem essa instigante história.

O objetivo geral da pesquisa concentrou-se na análise da personagem Ester, pretendendo mostrar a importância desta heroína e da presença feminina nesta história. Como objetivos específicos foram considerados os seguintes:

- a) Analisar os recursos técnicos e expressivos que traduzem a obra televisionada;
- b) Analisar e sintetizar os principais elementos responsáveis pelo êxito de Ester;
- c) Discutir a questão do protagonismo feminino na teledramaturgia brasileira.

Este trabalho tem como base a teoria semiótica de linha francesa, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, juntamente com o *Groupe d'Étrevernes*. Optou-se por retomar as definições teóricas na medida em que os termos da metalinguagem aparecem. Assim, espera-se poupar o leitor já familiarizado com essa teoria, hoje bastante conhecida, e, ao mesmo tempo, fornecer as referências mínimas ao leitor ainda iniciante na matéria.

Acredita-se que as categorias temporais, cromáticas e topológicas bem traduzidas no plano de expressão visual motivam a percepção dos telespectadores e garantem parte da representatividade e aceitação da minissérie junto às massas.

O trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro engloba a justificativa, a metodologia e o instrumental teórico. O segundo capítulo está dividido em sete subitens nos quais são apresentadas a definição do formato minissérie, um gráfico da linha do tempo das minisséries brasileiras, o contexto da Rede Record de Televisão, os bastidores da produção da minissérie *História de Ester*, núcleo e perfil dos personagens desta história e a minissérie em si. Além do televisual, aborda-se a importância de uma mulher ter um livro no Antigo Testamento.

O terceiro capítulo é dedicado à vinheta de abertura desta minissérie, e se divide em quatro subitens: definição, descrição e decupagem da vinheta de abertura e análise do cromatismo da mesma.

No quarto capítulo são dois subitens: definição de narrativa, narratividade, análise narrativa, sequência narrativa, programa narrativo, análise narrativa versus discursiva.

E no quinto e último capítulo são dois subitens: definição de discurso e análise do tempo e espaço na minissérie.

A História de Ester obteve uma grande aceitação do público, conseguiu o segundo lugar de audiência do horário no conjunto das TVs abertas analisadas pelo Ibope. Sua aceitação e a qualidade do seu texto faz com que a minissérie seja um bom objeto de estudo.

1.1. Justificativa

As minisséries estão ganhando cada vez mais espaço nas grades de programação das TVs abertas: em 28 anos foram produzidas 110 minisséries pela Rede Globo, extinta Rede Manchete, TV Bandeirantes, TV Cultura e Rede Record de Televisão.

Trata-se do formato considerado como o mais específico do ponto de vista estrutural e o mais denso do ponto de vista dramático. Os roteiristas o reputam como sendo o “ponto alto” da produção ficcional brasileira. Como tal, o formato recorre frequentemente à adaptação de obras literárias nacionais consagradas como gênero preferencial (romances) (BALOGH, 2002, p. 96).

Ao pesquisar sobre minisséries brasileiras observa-se que, geralmente, são adaptações de obras literárias, ou totalmente ficcionais, ou inspiradas em histórias religiosas como, por exemplo: *Padre Cícero*, *O Pagador de Promessas*, *A Madona de Cedro*, *Auto da Compadecia*, *A Cura etc.*, mas nenhuma delas foi baseada em um texto bíblico.

Nos últimos dez anos *A História de Ester* foi a primeira minissérie produzida neste gênero e pela Rede Record de Televisão, uma emissora cujos proprietários são evangélicos. O formato constitui um diferencial em uma emissora pouco analisada.

A História de Ester tem como tema central o amor de uma judia do povo que se apaixona pelo rei da Pérsia, e se torna rainha da Pérsia, além do qual se manifestam um conjunto de temas paralelos a serem estudados: religiosidade, ambição, amor e vaidade.

Por fim, o presente trabalho se justifica pelo objeto de pesquisa ser um novo formato baseado especificamente em transmutações de textos bíblicos e nessa emissora, que é pouco analisada, como citado anteriormente.

1.2. Metodologia

Diversos autores foram consultados para se estabelecer uma metodologia de pesquisa, no entanto, há certa dificuldade em se escolher um método específico uma vez que para cada trabalho sempre é necessário que sejam feitas adaptações pertinentes ao objeto de estudo. Portanto, a pesquisa bibliográfica combinada à análise de obras audiovisuais e aos procedimentos de assistir, decupar e aplicar o referencial bibliográfico na análise dos dados levantados foi o percurso escolhido para esta pesquisa.

Os procedimentos adotados em suas etapas sequenciais foram os seguintes:

1. Levantamento de bibliografia que apresentasse os elementos para o estudo do formato minisséries.
2. Leitura do livro de Ester no Antigo Testamento da Bíblia, para levantar elementos comuns entre o texto bíblico e o televisual.
3. Assistir, para a pesquisa bibliográfica, filmes da mesma história considerados *remakes*.
4. Assistir, decupar e analisar o DVD da minissérie, à luz dos dados teóricos e elementos-chave da narrativa que foram levantados.
5. Análise do material com base nos teóricos da linha francesa.

1.3. Instrumental teórico

As fontes teóricas dos estudos semióticos sobre narratologia, intertextualidade e sobre as transmutações televisuais buscaram em Balogh (2002 e 2005), predominando ainda referências teóricas da Escola Francesa de Semiótica, com destaque por seus estudos de narrativa: Propp (2003), Barthes (2008), Greimas (2008) e o Groupe d'Étrevernes (1977).

Vladimir Propp (1928), teórico russo, analisou os componentes básicos do enredo dos contos populares russos, visando identificar elementos narrativos mais simples e indivisíveis. Ele encontrou 31 funções narrativas, que se repetem nesses contos e que podem ser utilizadas nas análises das narrativas audiovisuais. Propp propôs que os contos giram em torno de um herói que sofre um dano ou tem uma carência, e para recuperar-se se constitui a sequência narrativa. Em função dos personagens, as mais conhecidas são: o agressor (o que faz o mal), o doador (que dá o objeto mágico ao herói), o auxiliar (que ajuda o herói em seu percurso), o mandatário (o que manda), o herói e o falso herói.

Julien Algirdas Greimas apresenta em sua obra contribuições ao estudo da narrativa como inserida no percurso gerativo do sentido. A relação narrador/narratário, relato de apresentação, programa narrativo. Todos os conceitos a serem usados como uma das obras base para as análises das narrativas. Além do esquema narrativo será analisado o actancial.

Para reforçar as análises dos percursos narrativos adotou-se o *Groupe D'Étrevernes* que apresenta uma análise narrativa do programa narrativo a partir da manipulação, qualificação, desempenho e sanção. O grupo publicou, na década de 1970, dois volumes com análises de narrativas bíblicas à luz da semiótica¹.

La sémiotique offre d'abord au bibliste une métalangue qui se veut neutre, c'est-à-dire, une manière de parler du texte tout en s'effaçant devant lui: sous les apparences d'un jargon peut-être rébarbatif, mais assez facile à assimiler et, surtout, inévitable, elle permet à ce discours sur le discours de se distinguer de son objet textuel, elle lui permet aussi de maintenir

¹ <http://www.filologia.org.br/exfelin/trabalho/doc/61.doc>

l'univocité de ses termes et la cohérence, vérifiable, de ses propôs. Cette neutralité permet d'éviter lês transpositions – et lês tranports – métaphoriques qui sollicitent à tout instant le lecteur, en faisant apparaître, avant même la richesse potentielle du texte, ses prises de position idéologiques agrémentées au goût du jour. Autrement dit, le bon udage de la métalangue sémitioque permet de faire parler le texte, en supprimant, autant que faire se peut, la médiation parasite qui cherche à s'insineur entre le message et son destinatare.² (GROUPE D'ENTREVERNES, 1977, p. 227).

A dissertação de Junqueira (1991), também foi utilizada como auxiliar à análise da transmutação do bíblico.

² A semiótica oferece ao estudioso da Bíblia uma metalinguagem neutra, ou seja, uma maneira de falar do texto todo apagando-se diante dele: sob a aparência de um jargão talvez retrabalhado, mas fácil de ser assimilado e, sobretudo, inevitável, permite a este discurso sobre discurso distinguir-se de seu objeto textual, permitindo-lhe também manter a unidade de seus termos e a coerência, verificável, de seu propósito. Esta neutralidade permite evitar as transposições metafóricas que solicitam o leitor a todo instante, surgindo antes mesmo da riqueza potencial do texto, nas tomadas de posições ideológicas enfeitadas ao sabor do dia. Em outras palavras, o bom uso da metalinguagem semiótica permite falar do texto, suprimindo, na medida do possível, a mediação parasitária que procura insinuar-se entre a mensagem e seu destinatário. (Tradução livre da autora).

2. APRESENTAÇÃO – O CONTEXTO DA MINISSÉRIE

2.1. Minissérie – Definição do formato

Pelo Dicionário Aurélio a definição de minissérie é: *novela ou filme produzido para televisão e apresentado em poucos capítulos.*

A principal diferença entre minisséries e telenovelas é o seu formato: em média, as minisséries têm 30 a 50 episódios, e vão ao ar em horário mais específico, geralmente após às 22 horas, segundo Balogh (2002, p. 96). Pressupõe um público diferenciado e mais exigente que o de novelas. Esse formato é produzido por núcleos específicos de diretores e uma equipe especializada, como pesquisadores e roteiristas.

Dos formatos de ficção próprios da televisão brasileira (série, seriado, telenovela, minissérie, microssérie e unitário) o primeiro a alcançar reconhecimento internacional foi, sem dúvida, a telenovela. Posteriormente, o *know how* adquirido com aquele formato foi sendo aperfeiçoado e estendido às minisséries que passaram a representar a quinta-essência do esmero em termos de realização e produção fictícia na TV, formato preferido da maioria dos roteiristas. [...] A minissérie, formato fechado que vai ao ar inteiramente terminado, difere da novela, cuja exibição e gestação coincidem e está mais inserida dentro da *estética da repetição* própria da maior parte dos formatos fictícios na TV [...] (BALOGH, 2005, p. 145).

O fato de ser uma história fechada facilita o trabalho de toda a equipe: diretor, autor, atores e produção, pois já sabem que caminho seguir, o que ajuda à formação dos personagens.

Trata-se de uma aposta da emissora, um produto de luxo, que por já estar terminado antes de sua transmissão, não permite que o público interfira como nas novelas, o que é um risco, pois as emissoras estão sujeitas às avaliações dos índices de audiência.

[...] as minisséries tiram a programação da TV de sua mesmice cotidiana e constituem elas mesmas uma festa, que resgata, ainda que apenas parcialmente, o aspecto ritual do “ir ao cinema ou ao teatro” do pretérito (BALOGH, 2002, p. 125).

Como nas novelas, as minisséries são fragmentadas para os intervalos comerciais, divididas em blocos, geralmente quatro, os quais devem dar conta em seu sentido e deixando um gancho para o próximo episódio.

Teoricamente, considera-se que a minissérie é constituída por diversos episódios. Cada episódio deve dar conta de um bloco de sentido singular, conectado com os temas de base condutores da minissérie como um todo (BALOGH, 2002, p. 129).

As minisséries brasileiras são mais extensas do que as estrangeiras, em torno de 20 a 30 episódios (BALOGH, 2002, p. 126), e pesquisando sobre esse formato nota-se, pela quantidade de obras produzidas, que as baseadas em biografias e autobiografias são as preferidas dos brasileiros.

Como se trata de um conjunto de obras de acabamento mais apurado e estrutura mais coesa e menos esquemática do que as demais obras ficcionais da TV, são frequentes os momentos em que a minissérie pode tornar um espaço para testar os limites do televisual e enfrentar o desafio de inovar a linguagem televisual (BALOGH, 2002, p. 127).

A minissérie, por ter um formato diferenciado, abre espaço para diversos temas. Há três anos estão sendo adaptados para minissérie alguns textos bíblicos. Existem adaptações religiosas, como mencionado, de *O Auto da Compadecida* e *A Cura*, porém transmutados de textos bíblicos foram três minisséries *A História de Ester* (2010), *Sanção e Dalila* (2011) e *Rei Davi* (2012).

[...] há um cuidado muito grande nas transposições das obras literárias para a TV em todas as etapas de realização. O maior desafio, no entanto, começa pelo próprio roteiro, no qual as estratégias de enunciação deixam suas primeiras grandes marcas. Essas estratégias são muito mais

complicadas no âmbito da TV porque o sujeito empírico da Enunciação se estilhaça numa vasta equipe de profissionais, sendo que cada um deles submete o roteiro a um “filtro” específico de seu fazer de base (roteiro, direção, fotografia...). Em muitos casos, o “ver” dos diferentes profissionais da equipe pode ser divergente e isso se refletirá na concepção da obra que se traduz (BALOGH, 2002, p. 131).

Há vários anos, críticos, pesquisadores e artistas identificam uma tendência marcante na arte e na mídia contemporâneas: as micronarrativas. Em suma, histórias de duração cada vez menor tomam conta do cinema, da televisão e da internet, entre outros veículos³.

As minisséries brasileiras surgiram a partir de 1982, sendo *Lampião e Maria Bonita*, de Aguinaldo Silva e Doc Comparato, direção Paulo Afonso Grisolli, a primeira a ser exibida entre 26 de abril e 5 de maio de 1982 (XAVIER E SACCHI, 2000, p. 118) na emissora Rede Globo. Foi dado o primeiro grande impulso para as minisséries dos anos 80 em diante, que foram em média de três a quatro produções por ano.

Nos Estados Unidos⁴, o formato foi lançado em 1966, com emissão na ABC. No Reino Unido, o termo minissérie quase nunca é usado, exceto em referência a importações americanas. O termo *serial* (folhetim) é o utilizado. O primeiro *serial* foi exibido em 1953.

2.2. Linha do tempo das minisséries brasileiras

A linha do tempo das minisséries brasileiras exibidas entre 1982 e 2010 apresenta-se por meio do gráfico 1, por ordem cronológica, por quantidade e por emissoras.

³ Disponível no site: <http://diversao.terra.com.br/tv/noticia/O..OI5115998>; 10/05/2011

⁴ Disponível no site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Miniss%C3%A9rie>; 13/03/2011.

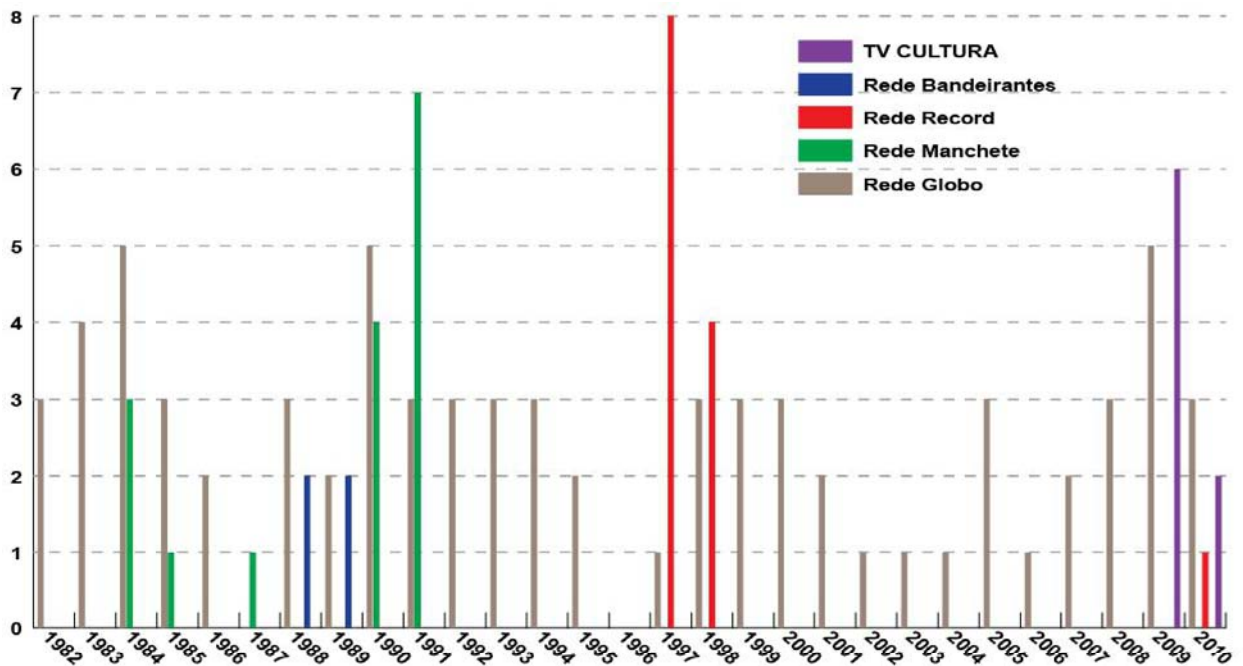


Gráfico 1- Linha do Tempo das Minisséries Brasileiras (Relação anexo 2).

Observa-se que em 28 anos (1982 – 2010) foram produzidas 110 minisséries, uma média de quatro por ano. Analisando o gráfico 1, nota-se que a Rede Globo foi a única emissora a manter uma constância na produção de minisséries.

A Rede Record produziu minisséries em 1997 e 1998, porém, a maioria tinham temáticas evangélicas e nenhuma adaptação literária. Depois de quase 11 anos ela começou a produzir minisséries baseadas em textos bíblicos.

Houve uma falta de produção deste formato no ano de 1996, em todas as emissoras constantes no gráfico.

Nota-se que das seis emissoras, apenas três continuam com esse formato: Rede Globo, TV Record e TV Cultura. A Record conseguiu o segundo lugar de audiência, com *A História de Ester*, e ficou em primeiro lugar no capítulo de estreia de *Rei Davi*.

2.3. O contexto: Rede Record de Televisão

A Rede Record de Televisão⁵ aberta foi fundada por Paulo Machado de Carvalho, em 1953, sendo a mais antiga emissora de TV em atividade no País. No final da década de 1980, a emissora, que antes pertencia ao Grupo Sílvia Santos, foi vendida ao empresário Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus.

Equipada com o que havia de mais moderno e avançado em tecnologia, a emissora Rede Record mudou o cenário televisivo e tornou-se a mais importante emissora brasileira na época. Nos primeiros anos, além da música, a Record investiu em esporte e em entretenimento.

Nos anos 90, a mudança do controle acionário da emissora trouxe grande ampliação na programação, e manteve o jornalismo como carro-chefe. A Record iniciou a formação de uma rede nacional de emissoras, além de comprar equipamentos de última geração e mudar sua sede para um novo prédio no bairro da Barra Funda.

Com a injeção de capital evangélico, a emissora é então revitalizada, para novos estúdios (BORELLI e PRIOLLI, 2000). Os programas evangélicos passam a ocupar grande parte da programação da emissora, até o momento em que o bispo Sérgio Von Helde chuta no ar a imagem de Nossa Senhora Aparecida e que abala a imagem da emissora.

A Record passa a investir em programação popular, em que o sensacionalismo do *Cidade Alerta* e do *Programa do Ratinho*. Também se destacou nessa fase a apresentadora Ana Maria Braga e seu programa *Note e Anote*, que por conta do crescimento de merchandising, chegou a ter cinco horas diárias de duração e bons níveis de audiência (BORELLI e PRIOLLI, 2000).

É em 2005 que a Rede Record cresce e consolida-se na vice-liderança, com uma reformulação radical, investindo alto em jornalismo, telenovelas, *reality shows*, programa de variedades, esportes.

⁵ Disponível no site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/rederecord>: 09/04/12

No jornalismo, repaginou o *Jornal Record*, sob apresentação dos ex-globais Celso Freitas e Adriana Araujo. Em 2007, contratou cerca de 250 funcionários e investiu 15 milhões em infraestrutura no lançamento da *Record News*, o primeiro canal de notícias da televisão aberta brasileira. Entre os anos 2004 e 2007, mais de 60 jornalistas migraram da Rede Globo para a Rede Record⁶.

A emissora de Edir Macedo travou uma luta milionária pelas disputas dos direitos de transmissão de campeonatos esportivos. Pela primeira vez, a Rede Globo perde o direito de transmissão de uma Olimpíada, por 120 milhões de reais, a Record conseguiu os Jogos Olímpicos de Londres, a serem transmitidos em 2012.

Contundo, o maior investimento foi no núcleo da telenovela, onde foram inicialmente investidos 300 milhões de reais. A emissora construiu um núcleo de teledramaturgia sediado no bairro de Vargem Grande, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, conhecido como RECNOV, com mais de 300 mil m² de estrutura física. Contratou um grande número de ex-contratados da concorrente e instaurou diferentes horários para suas telenovelas (MURAKAMI, 2009 p. 61).

A emissora adquiriu, para a produção de telenovelas, ao preço de 1 milhão de reais o *Inferno*, equipamento utilizado por Hollywood com tecnologia de ponta para produção de efeitos especiais, além de câmeras de alta definição. Com o *Inferno*, é possível, dentre outras funções, modelar pessoas em três dimensões e criar grandes números de figurantes virtuais.

2.4. Apresentação da minissérie *A História de Ester*

A minissérie foi baseada no Livro de Ester do Antigo Testamento da Bíblia, dos versículos 1.1 ao 10.3, que relata uma das primeiras tentativas de eliminação do povo judeu. Ocorreu por volta de 479 a.C., na antiga Pérsia onde hoje é o Irã, e tem como trama principal a história de amor entre uma mulher do povo e o rei.

O Rei Assuero (reinava sobre 127 províncias, desde a Índia até a Etiópia),

⁶ A guerra entre Globo e a Record na tela e nos bastidores. *Veja*. Edição 2029. Out. 2007

cujo trono estava na cidade de Susã (Irã). Resolveu oferecer um banquete real, em comemoração ao seu terceiro ano de reinado, à nobreza e ao povo de Susã. Em meio à festa solicita ao eunuco Harbona a presença da rainha Vasti a fim de mostrar ao povo e aos nobres toda sua beleza. Vasti se recusa a ir, alegando que também está oferecendo uma festa às esposas dos nobres. Indignado com a atitude da rainha, o rei a destitui do trono aconselhado por seus ministros, pois alegaram que, se não o fizesse, a mesma serviria de exemplo para outras esposas olharem com desprezo os seus maridos. Foi formado um harém para Assuero escolher sua nova rainha.

A jovem Hadassa foi tirada da sua família para fazer parte do harém do rei e mantém em sigilo sua verdadeira origem mudando seu nome para Ester (nome de origem persa). Com seu jeito doce e contestador desperta o interesse de Assuero dentre todas as mulheres do harém, com quem se casa, e aos poucos ensina ao temperamental e austero rei a se tornar menos severo e com mais compaixão.

Assuero, por influência do primeiro-ministro, o amalequita (povo inimigo dos judeus) Hamã, decide acabar com a população judia que habitava todo o seu reinado. Ao saber da decisão do marido, por meio de seu primo Mordecai, Ester decidiu jejuar e orar por três dias consecutivos antes de revelar sua verdadeira origem ao rei, para quem implora sua vida e a não aniquilação de seu povo.

Assuero atende ao pedido de sua mulher e autoriza os judeus a se prepararem para o grande duelo, ocorrido no dia 13 de Adar, no qual os judeus se consagraram vitoriosos. A data é comemorada até hoje pela comunidade mundial com a festa do Purim.

Há um conjunto de temas a serem estudados nessa minissérie:

a) Guerra: amalequitas versus judeus (religião).

A história se inicia com o ataque dos amalequitas aos judeus, em que os pais de Hadassa (criança) são mortos, e a mesma é criada por Mordecai, seu primo. Após 10 anos, Hamã (amalequita) manipula o rei para acabar com o povo judeu. Ester, já coroada rainha, juntamente com seu primo Mordecai, consegue salvar seu povo do extermínio.

b) Amor: Ester e Assuero.

Ao expulsar a rainha Vasti, Assuero necessita de uma companheira, apesar de ordenar que recolham todas as virgens de seu reinado, lembre-se do semblante de uma moça (Ester) do povo da cidade de Susã, que vira quando passou com sua comitiva de comemoração. Assuero respeita a vontade de Ester, quando a mesma diz que gostaria de entregar seu corpo a quem já tivesse seu coração, e aceita o desafio de conquistá-la.

c) Ambição: Hamã deseja o trono de Assuero.

Ambicioso, trama a morte do rei (que não tem herdeiros), e Hamã, sendo um príncipe e primeiro-ministro seria o substituto natural ao trono.

2.4.1. Núcleo⁷ e perfil dos personagens⁸ da minissérie *A História de Ester*

Núcleo de Hadassa (Ester)

- Hadassa/Ester: heroína protagonista desta história. Jovem judia, filha de Abiail e Lia, inteligente, de personalidade forte, humilde. Será coroada rainha da Pérsia. Adotará o nome de Ester para esconder sua origem.
- Lia: mãe de Hadassa. Mulher bonita, judia.
- Abiail: pai de Hadassa. Judeu e escriba real.

Núcleo do Rei Assuero

- Rei Assuero: protagonista desta história. Rei do Império Persa. É impulsivo, tem um temperamento forte.
- Rainha Vasti: primeira rainha de Assuero. Mulher de beleza estonteante, prepotente e arrogante. Será destituída de seu posto.

⁷ Relação do elenco no Anexo 1

⁸ Descrição dos personagens no site oficial da minissérie, disponível em <http://www.rederecord.com.br/programas/a-historia-de-ester/index.asp>

- Memucã: Primeiro-ministro, homem de confiança do rei. Nobre persa, não gosta de Hamã.
- Harbona: eunuco que serve diretamente o rei e a rainha.
- Hegai: eunuco responsável pelo harém do rei. Ensina etiqueta palaciana às virgens do harém.
- Quinlá: auxiliar de Hegai. Amiga e confidente de Ester.
- Bigtã: eunuco do palácio irá se aliar a Hamã para atentar contra a vida do rei.
- Teres: eunuco do palácio que se unirá a Bigtã no atentado contra o rei.
- Simion: eunuco, judeu, provador de alimentos do rei.

Núcleo de Hamã – Amalequitas

- Hamã: conselheiro do rei e extremamente ambicioso, é descendente dos amalequitas, inimigos históricos dos judeus. Ambicioso, trama a morte do rei.
- Zeres: esposa de Hamã, maldosa e feiticeira.
- Dalfom: primogênito dos dez filhos de Hamã e Zeres. Arrogante, mau caráter.
- Aridai: caçula de Hamã e Zeres. É contra a rivalidade dos amalequitas aos judeus, mas não enfrenta a família e se apaixona por uma judia (Ana).
- Tafnes: moça egípcia, muito bonita e ambiciosa, sonha em se tornar a Rainha, será antagonista de Ester, é colocada no harém pelo seu amante Dalfom.

Núcleo dos judeus

- Joel: líder judeu. Amigo de Mordecai, pai de Ana, que se envolverá com Aridai.
- Rebecca: esposa de Joel e mãe de Ana.
- Ana: filha de Joel e Rebecca, também será levada à força para o harém do rei, e estará grávida de Aridai.
- Ruben: jovem judeu, pastor de ovelhas apaixonado por Hadassa. Na tentativa de tirar Hadassa do palácio será capturado pelos guardas do rei e, como pena por invasão será multilado, tornando-se eunuco.

2.5. A importância de Ester no Antigo Testamento

No Antigo Testamento da Bíblia existem apenas três protagonistas femininas: Rute, Judite e Ester, sob o título de *Livros Históricos*. De uma maioria significativa de livros bíblicos que possuem títulos masculinos, somente essas três mulheres mereceram receber livros com seus nomes.

A fim de compreender os papéis de Rute, Judite e Ester dentro da história do povo judaico, serão mostradas essas mulheres como personagens protagonistas de suas narrativas.

A primeira história é de Rute:

No tempo em que governavam os juízes, sobreveio uma fome na terra. Um homem partiu de Belém de Judá com sua mulher e seus dois filhos, indo morar nos campos de Moab. Chamava-se Elimelec, sua mulher Noêmi; seus dois filhos chamavam-se Maalon e Quelion; eram efrateus, de Belém de Judá. Chegados à terra de Moab, estabeleceram-se ali.

Elimelec, marido de Noêmi, morreu deixando-a com seus dois filhos. Estes casaram com mulheres moabitas, uma chamada Órfa, e a outra, Rute. Viveram lá aproximadamente dez anos. Maalon e Queilon morreram ficando Noêmi só, sem seus dois filhos e sem marido. Então, levantou-se Noêmi e partiu da região de Moab com suas duas noras, porque ouviu dizer que o Senhor tinha visitado o seu povo e tinha-lhe dado pão. Deixou, pois, aquele lugar onde habitava com suas noras e passou a caminhar de volta para a terra de Judá.

Noêmi disse às duas noras: “Ide, voltai para a casa de vossa mãe, disse ela as suas noras. O Senhor use convosco de misericórdia, como vós usastes com os que morreram e comigo! Que Ele vos conceda paz em vossos lares, cada uma em casa de seu marido!” E beijou-as (Rute 1, 2-9).

Desamparadas, sem seus respectivos maridos, às viúvas só resta voltar à suas casas maternas e encontrar um novo marido. Contudo, Rute não segue o conselho de Noêmi e decide ficar, ao contrário de Órfa, que volta para seu povo:

“Não insistas comigo, respondeu Rute, para que eu te deixe e me vá longe de ti. Aonde fores, eu irei; aonde habitares, eu habitarei. O teu povo é meu povo, e o teu Deus, meu Deus. Na terra em que morreres, quero também eu morrer e aí ser sepultada. O Senhor trata-me com todo o rigor, se outra coisa, a não ser a morte, me separa de ti!” (Rute 1.16-17).

A escolha de Rute sai do padrão de não escolha imposto às três mulheres, há uma nova identidade de nova filha.

O livro de Rute, dentro do Antigo Testamento, é uma história que apresenta a recompensa dada aos que confiam na Providência Divina. Rute é estrangeira, uma moabita que adora o deus Camos, mas na condição de nova filha assume perante Noêmi a responsabilidade ética de ficar com a sogra.

A segunda história é de Judite:

No ano de 587 da tomada de Jerusalém, o rei Nabucodonosor convocou todos os seus exércitos para dominar as terras do Ocidente, dentre elas Betúlia, onde moravam os filhos de Israel e Judite. Judite era viúva, respeitava as leis de Deus, não havia nada que a desabonasse.

O povo de Betúlia reunido, ao ver chegar a devassidão dos inimigos, pediu cinco dias, e se o Senhor não viesse em seu socorro, que fosse feita a vontade do inimigo.

Judite indignada diz:

Ouvi-me, chefes dos habitantes e Betúlia. Não é correta a vossa palavra, a que disseste hoje e diante do povo, nem esse juramento que proferistes entre Deus e nós, dizendo que entregareis a cidade aos nossos inimigos se, neste prazo, o Senhor não vos trazer socorro. Quem sois vós, que hoje tenteis a Deus e vos colocais acima dele no meio dos filhos dos homens? Agora colocais a prova o Senhor Todo-Poderoso! Jamais compreendereis coisa alguma! Se não descobris o íntimo do coração do homem e não entendeis as razões do seu pensamento, como, então, penetrareis o Deus que fez essas coisas? Como conhecereis seu pensamento? Como compreendeis o seu desígnio? Não,

irmãos, não irriteis o Senhor, nosso Deus! Se ele não nos quer socorrer em cinco dias, ele tem poder de fazê-lo no tempo que quiser como também pode nos destruir diante dos nossos inimigos. Não hipotequeis, pois, os desígnios do Senhor nosso Deus. Não se encurrala a Deus como um homem.

Por isso, esperando pacientemente a salvação dele, invoquemo-lo em nosso socorro. Ele ouvirá a nossa voz, se for do seu agrado (Judite 8,11-17).

Pela astúcia de meus lábios, fere o escravo com o chefe e o chefe com seu servo. Quebra sua arrogância pela mão de uma mulher (Judite 9,10).

Dá-me palavra e astúcia para ferir e matar os que forjaram duros planos contra tua Aliança, tua santa habitação, a montanha de Sião e a casa que pertence aos teus filhos (Judite 9,13).

Judite encanta e deixa todos maravilhados com sua beleza. Com astúcia se oferece como troféu mesmo antes da batalha. Seduz Holofernes (o comandante do exército, rei da Síria), e corta-lhe a cabeça e mostra a seu povo.

E sobre Ester, esta já foi apresentada por sua importância, ao salvar o povo judeu do que seria o primeiro holocausto que será mais detalhado nos capítulos seguintes deste trabalho.

As três mulheres se destacaram por sua coragem e fé, por não pensarem em si mesmas, mas em seu povo, e para isso romperam com os preconceitos da época. Ruth mudou de religião, Judite matou seu inimigo para salvar seu povo e Ester conseguiu fazer com que os judeus tivessem o direito de lutar para se defender dos amalequitas.

3. A VINHETA DE ABERTURA DE *A HISTÓRIA DE ESTER*

3.1. Paratextualidade em *A História de Ester*⁹

O termo paratextualidade é utilizado dentro do conceito de Lorenzo Vilches (1999), compreendendo as críticas, chamadas e todas as produções feitas para a série, sem ser a série propriamente dita.

Serão analisados os elementos paratextuais mais relevantes.

la paraserialidad...se refiere a todas aquellas notas al margen de la serie: títulos, subtítulos, intertítulos, presentación y portada, apertura y "teil-motiv" musical, la publicidad en torno a su emisión..., la información sobre cambios y ajustes de horario, los comentarios en la prensa, etc. Son todos elementos marginales que sin pertenecer a la serie actúan para-ella, en forma enmascarada, haciendo de chivato y colocándose cómoda e impunemente fuera de la norma del género (Vilches Apud BALOGH, 2005, p. 148).

A paratextualidade sobre cada lançamento de um programa vem acompanhada de publicidade como reforço em diversas mídias, como jornais, revistas, *outdoors* e internet.

Na Record de TV as chamadas foram em horários estratégicos, que informaram sobre o elenco, a história, a época, a trama.

Em *A História de Ester* uma semana antes da estreia da minissérie os programas "Tudo é Possível" e "Domingo Espetacular" dedicaram espaço aos artistas e aos detalhes dessa trama.

A Rede Record de Televisão investiu cerca de R\$ 5 milhões na montagem dos estúdios, figurinos e pesquisas. Cada capítulo custou em média R\$ 500 mil.

Em sua estreia teve um pico de audiência de 17 pontos, depois manteve 12

⁹ As informações deste subcapítulo esta disponível no site <http://diversão.terra.com.br/TV/noticias/0,,014300221-E112293,00> publicado 03/03/2010> acesso 19/08/2011

pontos em média, ocupou o segundo lugar, ficando atrás da Rede Globo.

No primeiro capítulo de estreia, a produção mostrou uma batalha entre os persas e os judeus, sob efeitos de computação gráfica e uma câmera de alta velocidade capaz de captar 300 quadros por segundos.

Conforme depoimento do diretor geral de teledramaturgia, Hiran Silveira, *“Preparamos um estúdio de 1000 m2 para gravar as cenas. Nenhuma outra trama teve um estúdio deste porte. O trabalho foi impecável e tenho certeza que o público nos dará o retorno que esperamos”*

Especializado em História Antiga, Marcelo Santos Ferreira foi contatado para ministrar workshops aos atores para que aprendessem o comportamento e os pensamentos da população que viveu naquela época. *“Um dos grandes desafios de estudar a Pérsia é que existem poucos manuscritos e a maior parte dos registros foram deixados pelos gregos, inimigos dos persas. Portanto, os relatos eram cheios de preconceitos, disse Marcelo. O primeiro passo do historiador foi filtrar as informações tendenciosas existentes nos registros, para que a história fosse abordada sob ótica persa e judaica. A segunda etapa consistiu em fazer os atores se familiarizarem com os costumes de época. “Eles tinham que se sentir persas. O desafio era deixar o elenco livre dos estranhamentos e transformar a época em algo particular e familiares à cultura: os valores morais, a função feminina, a relação política, os comportamentos masculinos e feminino”, pontuou*

Outra grande preocupação do historiador foi com os alimentos da época. *“Nossa versão está diferente porque tivemos todo o cuidado de reproduzir aquilo que realmente foi Pérsia, garantiu o historiador, que também se preocupou com os alimentos usados nas gravações. Fizemos uma pesquisa para saber o que era produzido e consumido na época. Como o local era uma rota comercial, a alimentação tinha forte influência grega, africana e indiana.*

“Tomamos cuidados para não colocar alimentos americanos, como milho e batata, que não faziam parte da cultura local”, disse.

Embora a trama retrate um período da História Antiga, o vocabulário utilizado é bastante contemporâneo.

O figurino foi pesquisado detalhadamente por Edson Galvão, experiente reproduzir vestimentas para roteiros épicos. Auxiliado pelo historiador Marcelo, Edson encarou o desafio de reproduzir as vestimentas utilizadas na Pérsia Antiga e deixar os atores como verdadeiros cidadãos de 400 a.C. *“Este figurino foi todo construído, desde os sapatos até as joias. Tivemos muita dificuldade, porque não existem documentários de vestuários desta época.”*, comentou. Com uma equipe de oito assistentes trabalhando em ritmo frenético, o figurinista usou boa parte do orçamento na compra de tecidos de alto valor. *“Muita seda e muito linho, pois era usado na época. Além disso, me preocupei com as cores e o tingimento das peças. Usamos cânhamo para dar tom envelhecido, além do rosa e do vermelho”*.

A Rede Record Contou com 71 funcionários (anexo 3) para colocar no ar essa minissérie.

3.2. Definição de vinheta

Na televisão, segundo Balogh (2002), as vinhetas de abertura e fechamento constituem elemento muito importante dos relatos de apresentação nos formatos ficcionais. Elas separam a série da sua precedência e da subsequência na grade de programação. Ela determina o clima, a época, eventualmente o gênero da série e conduz a leitura do espectador.

A vinheta serve como uma espécie de rito de passagem do telespectador de um universo a outro, a intertextualidade palpável; o programa em relação ao que antecede e o que se segue (BALOGH, 2005, p. 147).

A vinheta tem a funcionalidade de introduzir a narrativa no assunto a ser tratado pela obra. Dessa forma, ela pode possuir elementos imagéticos de tempo e espaço.

3.3. Descrição e decupagem da vinheta de abertura de *A História de Ester*

Observando a abertura, o que mais chama atenção é o domínio cromático do amarelo, que vai tingindo do início ao fim essa narrativa visual. O andamento é rápido, porém, suave. O tratamento é de sobreposição e alinhamento contínuo, num movimento de escrita visual que vai da esquerda para a direita, portanto, no mesmo sentido da escrita ocidental. A presença cromática dominante do amarelo atua como uma reiteração topológica: o deserto e suas areias escaldantes, os rigores do clima e suas agruras, envolvendo as batalhas, e os jogos de poder da história.

Até a primeira metade da vinheta aproximadamente, há duas narrativas simultâneas, uma vez que ao fundo é a trajetória da personagem Ester e, em primeiro plano, vão surgindo os elementos figurativos que pontuam os principais indícios (BARTHES, 2008) que remetem à narrativa da série.

Da mesma forma, pode-se identificar que até a metade desta vinheta a câmera atua em *travelling*, como acompanhando um desdobramento da história até que, quando surge a batalha, a câmera entra na cena, embrenhando-se com os soldados, e as cores tornam-se densas, de um azul escuro dominante, começam a surgir os primeiros créditos de modo mais intenso e daí a câmera faz um movimento oposto, de *zoom out*, ou seja, num afastamento. É a história que vai retroagindo até um passado distante, culminando com a coroação da personagem Ester e fechando com a assinatura do logotipo da série.

O brilho nas letras caligráficas resplandece tal qual o ouro dos reis e o *lettering* simétrico, encimado por um fino grafismo que descreve o detalhe arquitetônico de um templo evidenciado por um detalhe floral, referencial da presença e do domínio do feminino ao longo da história.

Os programas televisuais costumam apresentar um cuidado especial nas vinhetas de abertura e fechamento de programas. Porque estas são marcas de diferenciação de um programa para o outro. As vinhetas de maior êxito conseguem trazer de forma condensada para o espectador seja os PNs orientadores de séries, seja o clima da história ou da época, e assim por diante (BALOGH, 2004, p. 16).



Imagem 1 – Ester e a cidade de Susã

Na primeira imagem aparece o rosto de Ester sobrepondo várias imagens, o rosto fica mais do lado esquerdo da tela no qual seus cabelos negros se sobrepõem a uma cidade, na parte superior do quadro tem-se os olhos de Ester e o céu num tom azul índigo. Verticalmente, do pescoço ao olho direito, aparece um mastro de uma bandeira; do meio do rosto para baixo destaca-se o amarelo do deserto.

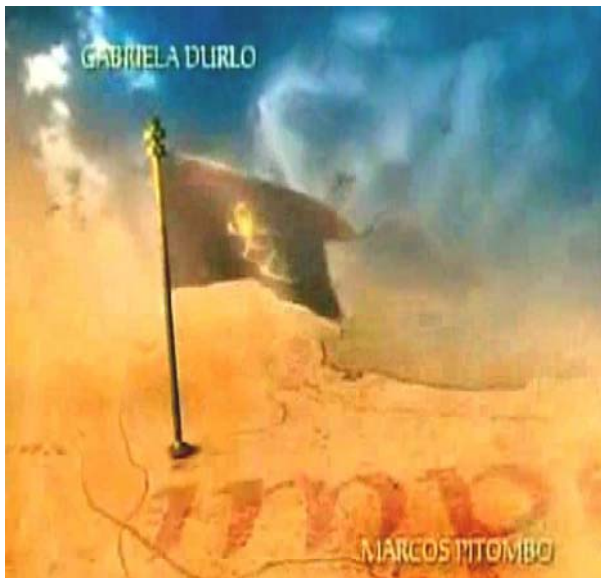


Imagem 2 – O domínio Persa

Na segunda imagem some o rosto de Ester e o que estava sob ele se destaca a bandeira com um brasão real, a areia dourada se transforma em um mapa todo demarcado, com os limites entre um território e outro, onde aparece a palavra império em vermelho. A câmara se movimenta para cima onde se enxerga o limite deserto e céu. O nome da protagonista esta em destaque no azul (Gabriela Durlo) e do protagonista no amarelo (Marcos Pitombo).

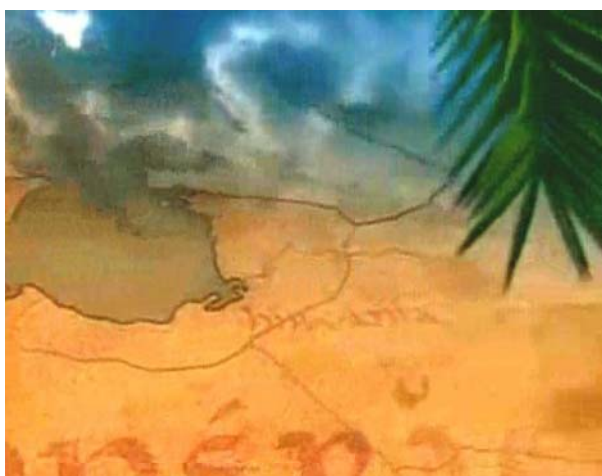


Imagem 3 – O encontro do feminino com o masculino

Em panorâmica surgem folhas de palmeiras verdes escuras na altura do céu, sempre mostrando o limite entre o azul e o amarelo verticalmente, onde para Kandinsky o azul é a representação do feminino e o amarelo do poder.

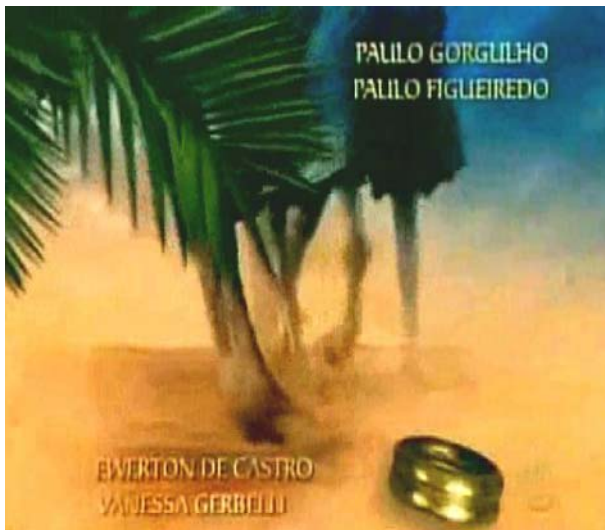


Imagem 4- A disputa pelo poder

Detrás das palmeiras surge à imagem do galope de cavalos, ainda e panorâmica para direita. Depois se vê uma aliança dourada brilhante. Aparece os nomes acima dos conselheiros do rei, Paulo Gorgulho (Hamã o traidor) e Paulo Figueiredo (Memucã), abaixo os nomes dos ícones religiosos Ewerton de Castro (Mordecai - Líder dos Judeus) e Wanessa Geribelli (Zeres- Feiticeira dos amalequitas).



Imagem 5 – A peregrinação dos judeus

Os cavalos somem dentro da imagem de um casal que caminha pelo deserto, representando os pais de Ester, um homem de barba e cabelos pretos usando roupas escuras, na sua mão direita impõe um cetno, sempre no sentido da horizontalidade e para a direita, a mulher esta em trajes claros e usando um manto sobre os cabelos também negros, o tom da areia onde estão pisando torna-se avermelhado, e ao mesmo tempo abaixo deles aparece uma placa prata com um desenho esculpido de um homem em cima de um cavalo inclinado, no canto direito da tela aparece um bracelete dourado com pedras vermelhas.



Imagem 6 – Novo lar

Surge no canto esquerdo da tela o rosto de Ester em *Plano Americano* em movimentos rápidos, onde existe um enquadramento no lado direito do seu rosto fica a adaga, abaixo o bracelete e do lado esquerdo uma tocha acesa num tom alaranjado.

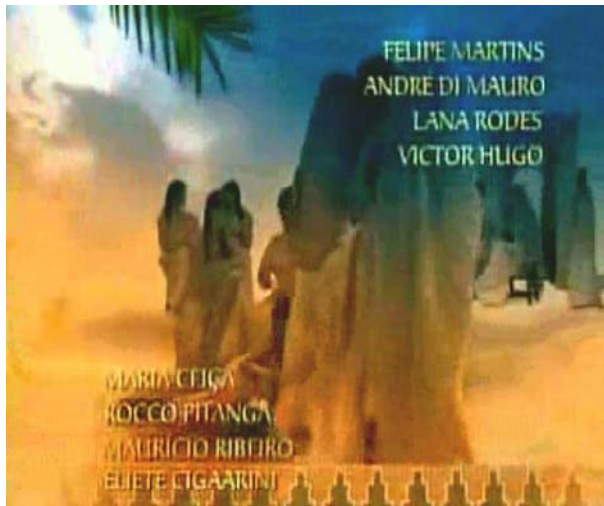


Imagem 7 – O harém real

A câmera em travelling em movimentos rápidos para a direita, onde aparecem várias mulheres com trajes da cor que se misturam com a cor das areias do deserto, no rodapé do quadro começa aparecer os desenhos arquitetônicos persas do palácio. E apresentam os nomes dos eunucos do palácio

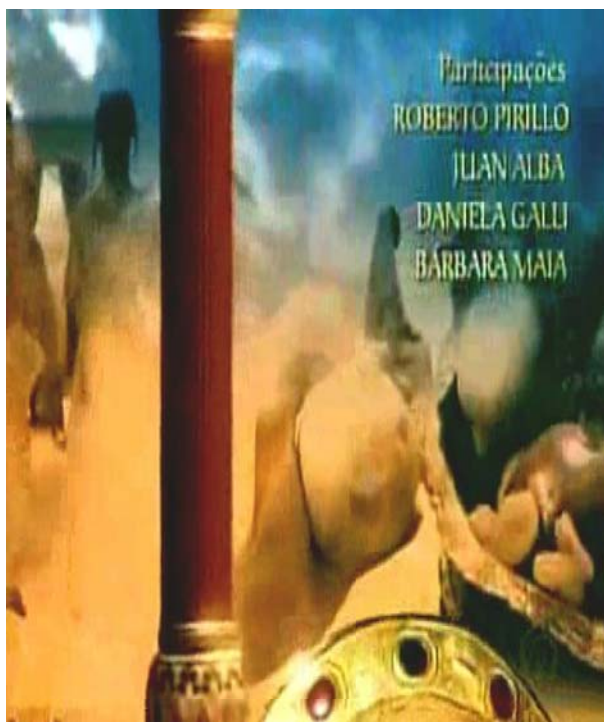


Imagem 8 – As riquezas Persas

Vem a imagem de uma entrada de ruínas em tons azul esverdeado. Conforme as mulheres caminham, a areia na qual antes pisavam transformasse em um piso dourado, aparece um pedestal da cor cobre onde fica uma pira acesa, atrás dela encontra-se uma coluna vermelha, juntamente com frutas frescas, pratos dourados onde suas bordas são adornadas de pedras verdes e vermelhas.



Imagem 9 – A guerra

Mostra-se uma guerra em tons azul indigo, com homens, cavalhos, espadas, e a mistura do azul e o amarelo colocando um tom de verde nesta guerra



Imagem 10 – O poder de Assuero

A imagem seguinte do Rei Assuero sentado em seu trono segurando seu cetro de ouro na mão direita, vestido de vermelho e dourado. Com a coroa repusando em sua cabeça, o seu trono é todo ornamentado, a parte de tras dos lados esquerdo e direito são a imagem de unicórcios dourados , sob seus pés fica uma banquetta de tecido amarelo, e em cada lateral da banquetta uma estatua de leão, lembrando os vários deuses persas, eunucos segurando plumas em movimentos verticais de baixo para cima, refrescando-o, a imagem reforça as cores verde, azul e dourada.



Imagem 11 – O amor de Ester e Assuero

A imagem em PA mostra Ester no lado esquerdo do quadro de frente ao Rei Assuero do lado direito do quadro, ela vestida de branco, com um manto sobre os cabelos, Assuero com suas vestimentas vermelhas e douradas, usando sua coroa, e atrás deles velas acesas, exibindo um movimento de vento.



Imagem 12 – Coroação de Ester

Sob o fundo verde azulado se movimenta como uma cortina, então o Rei coroa Ester e a imagem se fecha.



Imagem 13 – A vitória de Ester

A imagem abre mostrando o símbolo da minissérie “A História de Ester”.

3.4. O cromatismo da vinheta de abertura de *A História de Ester*

Na vinheta de abertura, há uma ênfase no cromatismo, com destaques às cores azul, amarela, verde, vermelho e dourado.

A cor representa uma ferramenta poderosa para a transmissão de ideias, atmosferas e emoções, e pode captar a atenção do público de forma forte e direta, sutil ou progressiva, seja no projeto arquitetônico, industrial (*design*), gráfico, virtual (digital), cenográfico, fotográfico ou cinematográfico, seja nas artes plásticas (MILLER BARROS, 2006, p. 15).

Analisando o cromatismo desta vinheta, sob o filtro de Miller retomando Kandinsky, e observando os quadros da decupagem acima, observa-se o domínio do azul, e o limite entre ele e o amarelo.

	Amarelo	x	Azul	
Excêntrico				Concêntrico
Avança				Retrocede
Para cima; até os limites e além deles – tensão exterior				Para baixo; introvertido; aquém dos limites – tensão
Explosivo, agressivo, opressor, insolente, louco				Evasivo, apartado, retraído (concha de caracol)
Ativo: positivo, material				Passivo: negativo, abstrato
Masculino				Feminino

Figura 14 – Oposição entre amarelo e azul. Ilustração baseada no conceito de Wassily Kandinsky. Fonte: Miller (2006)

Percebe-se uma trajetória feminina em busca do poder, o azul remete ao feminino, é uma cor suave, sem resistência, concêntrica e “tem um poder de atração, não porque avança sobre nós, mas porque nos leva com ele” Miller (2006, p. 321).

O azul, representado pelo céu, sempre aparece em contraste com o amarelo do deserto, onde há disputa entre as duas cores, pois o amarelo representa o masculino, o explosivo, o insolente.

Nota-se que quando as cores se misturam aparece o verde, mesmo na cena da batalha, a junção dessas duas cores poderosas também remete ao feminino, reiterando mais uma vez o poder da mulher.

Em seguida, o vermelho, representado a pompa, pela vestimenta do rei em seu trono o dourado, a luxúria, e o véu branco, a pureza sem mácula da rainha.

O ritmo acelerado da vinheta de abertura dá-se pelo contraste das cores, e remete ao trailer da história, a qual começa com um amarelo desértico, que deixa clara a demarcação do território do rei Assuero, em contraste com o azul do céu, descrevendo os passos de Ester no plano de fundo, quando os dois se encontram. A sonorização também remete ao Oriente, a música é instrumental, e seu ritmo também é acelerado em consonância com a troca rápida de imagens.

Ao produzir uma vinheta, toda uma combinação de elementos é utilizada: as cores, os contrastes, o ritmo, a sonorização, tudo tem uma função para passar ao telespectador o que será esse produto.

A vinheta de abertura de *A História de Ester* transmite a época, pelas vestimentas e acessórios, o clima desértico, pelas cenas com abundância do amarelo que transmite uma sensação de secura, e a sonorização, que remete ao Oriente.

No caso de *A História de Ester*, observa-se que houve um cuidado para transmitir essa estratégia para o público, que será melhor detalhada no capítulo de análise do discurso.

É possível considerar as vinhetas de abertura como parte da moldura contextualizada do relato. Desse modo, nos produtos audiovisuais construídos por materiais e linguagens sincréticas semióticas, pressupõem um discurso claramente heterogêneo.

O discurso, por meio do relato de apresentação (GREIMAS), cria sua própria realidade. Esse relato integrante de um contexto televisual pressupõe o título, os protocolos de abertura e a música introdutória. Segundo Lopes (1985, p. 20), o relato se constroi no verbal mediante a *denominação* que convoca à existência os elementos suportes do enunciado. Os enunciados giram em torno de um ou mais

paradigmas temáticos. Esse elementos se localizarão no discurso como atores, espaço e tempo relacionados com os programas narrativos de base.

4. ANÁLISE NARRATIVA DA MINISSÉRIE *A HISTÓRIA DE ESTER*

4.1. Narrativa – definições

A narrativa é uma atividade intrínseca à vivência humana, está presente em todas as manifestações de sentido como na forma oral, escrita, audiovisual, pictórica, digital etc..

Na pré-história, o homem já tentava se comunicar por desenhos de figuras nas paredes das grutas.

O termo narratologia foi proposto no final dos anos 60 pelo russo Todorov (1969), para designar os estudos sobre os mecanismos da narrativa.

O avanço nos estudos da narrativa deve-se, sobretudo à semiótica (teoria geral dos signos). Trata-se de um dos campos que mais avançou nessa área e veio a constituir a narratologia (...) (BALOGH, 2002, p. 53).

A abordagem narratológica se interessa pela narrativa como objeto semiótico fechado em si, independente da produção e da recepção. Como bem resume Reuter (2002), os adeptos dessa teoria consideram que, para examinar um texto narrativo, é preciso encará-lo como um material autônomo e distinguir os seguintes níveis internos de análise: a ficção ou diegese (universo encenado pelo texto), a narração (escolhas técnicas para a organização estrutural da ficção) e a montagem do texto (escolhas textuais, tais como retórica, estilo, léxico etc.).

A sintaxe narrativa deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização narrativa de um texto, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam (...) (BARROS, 2005, p. 20).

A narrativa tem sido pesquisada sob a ótica de diversas abordagens teóricas. Greimas (2008) propõe um modelo em que a origem da narrativa seria a transformação de um estado inicial em um estado final.

O enunciado elementar da sintaxe narrativa caracteriza-se pela relação de transitividade entre dois actantes, o sujeito (S) e o objeto (O). A relação define os actantes, a relação entre o S e O dá-lhes existência, ou seja, o sujeito é o actante que se relaciona transitivamente com o objeto, o objeto é aquele que mantém laços com o sujeito (...) (BARROS, 2005, p. 20).

Segundo Junqueira (1991), por análise narrativa entende-se como o estudo que enfoca as relações de encadeamento, de oposição e repetição entre acontecimentos. Há a narratividade como transformação de estados e de situações realizada pelo transformador de um sujeito, que atua em busca de valores investidos no objeto, e como estabelecimento e ruptura de contratos entre um destinador e um destinatário.

As análises narrativas atêm-se a descrever o fenômeno da narratividade, isto é, volta-se para aspectos relativos à estruturação da significação dentro do discurso (JUNQUEIRA, 1991, p. 35).

É preciso fazer uma distinção entre narratividade e narração. Segundo Fiorin (1999, p. 21), a narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final. A narração diz respeito a uma classe determinada de textos.

Junqueira (1991, p. 17) entende por análise narrativa o estudo que enfoca as relações de encadeamento, de oposições e de repetição entre acontecimentos, assim como o conjunto das ações e das situações narradas.

O que constitui uma narrativa? Como ela se organiza? O que é preciso para que um objeto cultural constitua uma narrativa?

Balogh (2002), retomando Edward Lopes, responde que para um objeto cultural constituir uma narrativa é necessário:

1. Que ele seja finito, isto é, tenha começo e fim.
2. Que tenha um esquema mínimo de personagens.
3. Que os personagens tenham algum tipo de qualificações/competência para realizar ações e provas durante a história.
4. Que os personagens realizem ações para dar andamento à história e mostrem relações entre os mesmos.
5. Que haja uma temporalização perceptível na oposição entre o antes e o depois da ação que permita detectar o texto como narrativa, que implica uma transformação dos conteúdos presentes na história.

Fiorin (1999, p. 21) explica que há dois tipos de enunciados elementares na sintaxe narrativa:

- Enunciado de estado (sujeito virtualizado): estabelece uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto;
- Enunciado de fazer (sujeito realizado): mostra as transformações, isto é, demonstra a passagem de um estado para outro.

O enunciado de estado responde pelo aspecto virtual do sujeito em relação com o objeto, ao contrário do enunciado de fazer, que responde pela transformação, realização, mutação dos atuantes de objetos dentro da narrativa.

Não se pode confundir sujeito com pessoa e objeto com coisa. Sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisa, pessoas ou animais. Numa narrativa de captura, por exemplo, os seres humanos a serem aprisionados são o objeto com que o ser que captura deve entrar em conjunção (...) (FIORIN, 1999, p. 22).

Existem dois tipos de junções, dois modos diferentes de relação do sujeito com os valores investidos nos objetos, conjunções ($S \cap O$) e disjunções ($S \cup O$), segundo Barros (2005).

Em todos os modelos narrativos o essencial é que eles giram, em geral, em torno das ações dos personagens (BALOGH, 2002). Esse conjunto de estados e transformações na relação do sujeito com o objeto chama-se programa narrativo (PN), para todo PN existe um antiPN.

Seguindo a teoria narrativa do *Groupe d'Entrevernes*, os programas narrativos têm quatro fases:

- *Manipulação*: para que o personagem inicie uma trajetória, seja levado à ação, é necessário que ele tenha um desejo (querer) ou dever de fazer ou obter alguma coisa.
- *Qualificação*: não basta querer ou dever, o sujeito tem que ter competência.
- *Ação*: o sujeito qualificado parte para o fazer, no qual acontecem as transformações.
- *Sanção*: na qual ocorre o julgamento sobre o contrato estipulado na manipulação.

4.2. Análise narrativa versus discurso na minissérie *A História de Ester*

A minissérie é composta por dez capítulos, cada capítulo é organizado em cenas e cada cena desenvolve uma narrativa ou um fragmento dela, delimitado pela localização num dado espaço ou tempo, ou ainda pela presença de certos personagens. Esse mecanismo forma um texto com vários entroncamentos.

Para visualizar com maior clareza a narrativa, partiu-se de temas selecionados, optando por recortar e juntar os capítulos e reorganizá-los a partir desse viés isotópico.

Para facilitar a leitura e a rememoração da minissérie foram retomados, a cada isotopia, a descrição fornecida pela emissora¹⁰.

¹⁰ Resumo dos capítulos disponível no site: [HTTP://www.rederecord.com.br/programas/a-historia-de-ester/-capitulos.asp?](http://www.rederecord.com.br/programas/a-historia-de-ester/-capitulos.asp?) : 19/05/2010.

Guerra: amalequitas versus judeus (religiosa)

A história se inicia com o ataque dos amalequitas aos judeus, em que os pais de Hadassa (ainda criança) são mortos, e ela é criada por Mordecai, seu primo. Após 10 anos, Hamã (amalequita) manipula o rei para acabar com o povo judeu. Ester, já coroada rainha, juntamente com seu primo Mordecai, consegue salvar seu povo do extermínio. Trechos dos capítulos 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10.

1º. Capítulo

Abiail e Lia contam para a filha Hadassa como é Jerusalém, a terra prometida aos judeus. Enquanto isso, nas ruas de Susã, soldados amalequitas surpreendem judeus, que correm e gritam desesperados. Muitos judeus morreram no ataque.

Mordecai foge apavorado. Hadassa escuta atentamente seus pais contarem histórias sobre o templo sagrado de Davi, quando Mordecai os interrompe e avisa que os amalequitas invadiram a cidade. Abiail, Hadassa, Lia e Mordecai fogem apavorados. Eles acabam sendo encurralados por soldados amalequitas. Um guerreiro acerta um golpe em Abiail, que cai morto. Uma flecha atinge Lia. Hadassa sofre ao ver a mãe sangrando e chora apavorada. Lia pede que a filha tenha sempre orgulho do povo judeu e morre em seus braços. Mordecai salva Hadassa de ser atingida por guerreiros.

Anos depois...

O rei desfila em seu cavalo com sua comitiva. Todos se curvam ao rei. Joel e Mordecai não, Hamã manda Mordecai se ajoelhar, mas ele se nega. Hamã acerta o judeu com um golpe, que cai sangrando.

2º. Capítulo

... Hamã ameaça prender Mordecai, que não se curva diante do amalequita. Hamã reclama de Mordecai e Zeres o incentiva a construir uma força para matar o judeu.

3º. Capítulo

... Hamã avisa Mordecai que está construindo uma força para matá-lo. O judeu, o enfrenta e diz que irá quando o seu Deus quiser. Os dois discutem e Mordecai fica preocupado com a ameaça do rival...

4º. Capítulo

Hamã diz que Assuero tem sido muito complacente e o incentiva a acabar com os judeus. Memucã, no entanto, os defende e diz que o palácio preserva as diferenças culturais. Os dois discutem e Assuero pede que se acalmem. Memucã defende Mordecai e Hamã não se contém de tanto ódio.

7º. Capítulo

... Zeres pede que Hamã acabe de vez com os judeus. Zeres joga a sorte e diz que no dia 13 do mês de Adar todos os judeus deverão ser exterminados. Hamã convence o rei a se livrar de um povo inferior e rebelde, mas não revela que são os judeus. Ele promete colocar 10 mil talentos de prata na tesouraria real. Assuero, distraído, entrega seu anel para Hamã redigir o decreto. Cópias do decreto são levadas às 127 províncias do reinado persa. Mordecai, inconformado, diz que todos os judeus serão mortos. Mordecai rasga suas vestes e grita revoltado. Outros judeus também rasgam suas roupas e começam a seguir Mordecai. Ester fica chocada ao ler o decreto. Ruben revela que tudo foi tramado por Hamã e que Mordecai pediu que ela suplicasse ajuda ao rei. Mordecai diz que Ester não será morta se for a procura do rei sem ser chamada, basta que ele levante seu cetro de ouro. Ela revela ter encontrado o amor em Assuero, mas teme que esteja abandonada já que desde a morte de Memucã ela não foi mais chamada. Mordecai diz que somente a rainha pode salvar os judeus.

8º. Capítulo

Ester pede, então, que todos os judeus jejem e rezem por três dias. Depois disso, ela irá ao encontro de Assuero mesmo sem ser chamada. Mordecai avisa aos judeus sobre o pedido de Ester.

Simion conversa com Harbona, que o libere de provar as comidas do rei para seguir o jejum dos judeus. Mordecai está reunido com diversos judeus quando é interrompido por Hamã. Ester chora ao lembrar o sofrimento de seus pais e reza emocionada.

Amalequitas a cavalo agem como vândalos destruindo o comércio dos judeus. Joel tenta enfrentar os amalequitas rebeldes, mas Dalfom o ameaça com uma espada. Ana aparece por ali e é empurrada. Aridai parte para cima de Dalfom, que, em desvantagem, vai embora. Joel, irritado, expulsa Aridai dali. Hegai e Quinlá ficam preocupados com o jejum de Ester. Hamã furioso, diz não aguentar mais ser afrontado por Mordecai. Mordecai e muitos judeus rezam por Ester. Ruben e Simion também rezam. Passa mais um dia e Ester também pede que Deus a ajude. Zeres invoca os deuses para o combate contra os judeus. Ainda mais judeus se reúnem para orações. Mordecai lidera as rezas em Susã. Passados três dias, Ester diz estar pronta para falar com o rei mesmo sem ter sido chamada. Assuero está reunido com seus conselheiros, quando Ester aparece. Todos ficam surpresos.

9º. Capítulo

Hamã dá ordens para prenderem Ester, ninguém pode entrar na sala do rei sem ser chamado. Assuero manda os guardas se afastarem de Ester e levanta seu cetro para ela. Ester convida Assuero e Hamã para irem ao banquete que vai preparar no jardim real. Aridai, Harbona, Hamã, Dalfom e outros ficam pasmos por Ester ter arriscado a vida para fazer um convite ao rei. Este conta a Hegai e Quinlá que ainda não revelou a Assuero que é judia, pois quer entender como Hamã age. Zeres diz a Hamã que sente que algo muito grave está para acontecer. Simion conta a Mordecai, Joel, Rebecca e Ana que Assuero estendeu seu cetro salvando a vida de Ester.

Mordecai afirma que ainda não era o momento de Ester revelar sua origem e que ela tem que ser cautelosa. Ester fala para Quinlá que seu medo é Hamã tentar virar o rei contra ela. Ester chega ao banquete deslumbrante. Assuero pede que Ester faça seu pedido o quanto antes, mas ela diz que ele será feito na hora certa. Assuero e Hamã bebem vinho. Hamã elogia o banquete. Assuero pergunta a Ester qual é a sua petição. Ester diz ao rei que fará seu pedido no dia seguinte durante outro banquete.

Hamã fica lisonjeado com o convite. Quinlá explica a Ester que a lei já foi decretada e um decreto do rei não pode ser anulado. Ester diz que sua única certeza é sua fé. Em oração, Ester pede a Deus para que seja encontrada uma maneira de livrar os judeus de um trágico destino.

Assuero escuta a leitura sobre o último ato heroico registrado: a ameaça à sua vida por Bigtã e Teres. Assuero pergunta ao escriba o que foi feito para honrar Mordecai. O escriba diz que não há registro de nenhuma recompensa no livro. Assuero pergunta a Hamã o que deve fazer a um homem a quem deseja honrar. Hamã, que acha que é ele, aconselha Assuero a pedir para que o príncipe mais nobre leve o homem a quem deseja honrar a cavalo, vestido com o traje real, pelas ruas da cidade. Assuero mandou Hamã preparar as roupas e o cavalo e buscar Mordecai em sua casa. Hamã leva Mordecai, devidamente vestido, para passear a cavalo. Hamã conduz o cavalo e grita que assim se faz ao homem a quem o rei deseja honrar. O povo assiste Hamã prestando honras a Mordecai.

Zeres e Dalfom ficam envergonhados ao verem Hamã. Em meio à multidão, Aridai e Ana trocam um olhar e um sorriso sem que ninguém os veja. Ester fica feliz ao saber por Ruben que Mordecai está sendo homenageado pelas ruas de Susã. Hamã diz a Zeres e Dalfom que Mordecai vai pagar com a vida pela humilhação que o fez passar. Zeres implora para Hamã não ir ao banquete e afirma que a ruína dele está próxima. Após o banquete, Ester pede para Assuero poupar sua vida e a de seu povo. Ela fala que o inimigo quer aniquilá-los de vez. Assuero pergunta a rainha quem é o inimigo do povo dela que tramou tal infâmia.

10º. Capítulo

Ester mostra Hamã, o mesmo cai aos pés da rainha pedindo por clemência, o que deixa o rei mais irritado. Assuero manda o conselheiro à forca depois que a Rainha Ester revela que Hamã já tramou a morte do rei. Ele é enforcado na própria forca que construiu para enforcar Mordecai.

Então o rei diz que não pode retirar a lei que já foi proclamada. Ester pede para Assuero que chame o judeu Mordecai e fale que ele é seu primo. Quando Mordecai vai ao palácio, o rei entrega o anel real à Mordecai e Ester. Os dois pensam em criar

um novo decreto em que os judeus possam se defender de quem os ataquem. No mesmo dia em que seriam aniquilados, então todos os judeus de todas as províncias do Rei Assuero se juntaram e combateram e mataram quem os tentavam contra suas vidas, e o povo judeu venceu. Os dez filhos de Hamã foram presos e enforcados.

Após vitória, Mordecai é nomeado primeiro ministro, e seu primeiro feito será decretar que todos os judeus guardem o dia 13 de Adar e Ester completa dizendo para nos dias 14 e 15 de Adar os judeus comemorem essa data.

Desdobramentos narrativos das isotopias escolhidas:

Esses trechos dos oito capítulos acima demonstram claramente a intolerância dos amalequitas com os judeus, e quando não existe tolerância não há negociação, pelo contrário, dá-se a guerra. E só o amor consegue harmonizar esse cenário.

Enunciados de estado:

Conjuntivo: $S \cap O$

1. Hadassa (S) junto com seus pais (O);
2. Povo judeu (S) vivendo livre e em harmonia (O).

Disjuntivo: $S \cup O$

1. Os amalequitas matam os pais de Hadassa.
2. É decretada a morte ao povo judeu, o povo fica revoltado.

Programas narrativos:

PN1: Hadassa está feliz com seus pais, ouvindo histórias sobre seu povo. O sujeito do fazer são os pais de Hadassa num convívio feliz e harmonioso.

AntiPN1: os amalequitas matam os pais de Hadassa. O antissujeito é representado pelos amalequitas, que tiram de Hadassa sua família.

PN2: Mordecai e seu povo vivem livres e em harmonia, sob o reinado de Assuero. O sujeito do fazer é o Rei Assuero que não discrimina o povo judeu, deixando-os viverem livres e em harmonia.

AntiPN2: é decretada morte ao povo judeu, sob a ordem de Hamã, com consentimento do rei. O antissujeito é Hamã que manipula o rei para consentir o decreto, e os judeus foram condenados à morte sem poderem reagir.

PN3: Ester pede a Mordecai, juntamente com todos os judeus, que jejuem e rezem por três dias. Após o terceiro dia ela se apresentará diante do rei para pedir a salvação de seu povo.

AntiPN3: quem se apresenta diante do rei sem ser chamado morre se o mesmo não levantar seu cetro de ouro. O antissujeito é a lei presa, representada por Assuero.

PN4: após Ester se apresentar diante do rei, convida ele e Hamã para um banquete no jardim real, durante o banquete ela fará um pedido.

AntiPN4: como Ester é de origem judia, receia que Hamã coloque o rei contra ela.

PN5: Ester pede pela sua vida e de seu povo, e declara que o inimigo que causou tudo isso é Hamã.

AntiPN5: o rei, muito abalado e com medo de perder sua amada, explica que na lei persa, o que foi decretado não pode ser anulado.

PN6: Ester pede ao rei a presença de seu primo para que juntos achem uma solução. Assuero entrega o anel real a Mordecai, dando plenos poderes para que ele e Ester resolvam esse problema.

Análise das sequências narrativas:

Tanto no PN1 como no PN2 o sujeito é representado pelo povo judeu que busca paz, liberdade, porém, o antissujeito (o povo amalequita) sempre tenta abalar essa situação de equilíbrio. Hamã (destinador) manipula o rei (destinatário) para que o mesmo decreta morte a um povo que desobedece às leis de seu reinado, esse já está qualificado (tem o poder) e consente (ação) com o decreto. E Hamã (destinatário) consegue o poder de exterminar o povo judeu (sanção positiva, a princípio) por meio de decreto.

No PN3, o sujeito é Ester (tem o querer): pede ao seu povo, por meio de Mordecai, que jejue e reze por três dias (PN de uso). Passado esse tempo, adquire o poder (proteção divina) e vai até a presença do rei (antissujeito). Ester representa o destinador e o destinatário, ela se automanipula para enfrentar a morte pela salvação de seu povo. Assuero levanta o cetro e Ester é salva (sanção positiva).

No PN4, Ester (destinadora) manipula seus convidados (destinatários) Assuero e Hamã, para conseguir livrar seu povo da aniquilação (sanção). No banquete (PN5), ela estuda o comportamento de Hamã, e procura o momento ideal para declarar a seu rei toda a verdade sobre sua origem e castigar seu inimigo. A sanção é positiva, o rei entrega o anel real (o poder) para Ester e Mordecai, assim os dois decretam que todo judeu no dia 13 de Adar poderá lutar pela sua sobrevivência. E como Hamã traiu sua confiança, Assuero ordena sua morte.

Amor: Ester e Assuero

Ao expulsar a rainha Vasti, Assuero necessita de uma companheira, apesar de ordenar que recolham todas as virgens de seu reinado, lembra-se do semblante de uma moça (Ester) do povo da cidade de Susã, que vira quando passou com sua comitiva de comemoração. Assuero respeita a vontade de Ester, quando a mesma diz que gostaria de entregar seu corpo a quem já tivesse seu coração, e aceita o desafio de conquistá-la. Trechos dos capítulos 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

1º. Capítulo

... Anos depois

A cidade de Susã nunca reunira tantas culturas diferentes no comando de um único rei, Assuero (Marcos Pitombo). O rei Assuero desfila em seu cavalo com a comitiva. Todos se curvam ao rei. Hadassa fica fascinada com a beleza de Assuero, mas vê sua aluna atravessando a rua e quase atropelada pelos cavalos da comitiva. Num impulso, a pega do chão. Soldados se aproximam com lanças e espadas. Assuero, no entanto, tem uma intensa troca de olhares com Hadassa. Ele manda os soldados se afastarem. Os convidados clamam pela presença da beleza de rainha Vasti. Assuero manda Harbona chamar a rainha, e ela recusa o convite do rei. Hamã escuta Harbona contando que Vasti se recusa a vir e espalha para os convidados.

Todos ficam indignados. Incentivado por Memucã e Hamã, Assuero decide destituir Vasti do trono. Vasti fica revoltada ao saber da decisão do rei. Hamã, então, pede que Assuero reúna todas as virgens do reino a fim de escolher a nova rainha. Mordecai pede que Hadassa se esconda, mas soldados invadem sua casa e ameaçam matá-lo. Hadassa aparece e se entrega, salvando a vida de Mordecai.

2º. Capítulo

Os guardas levam Hadassa/Ester. Mordecai, desesperado, pede que ela não conte a ninguém que é judia e que mude seu nome para Ester. Hegai (André di Mauro) se apresenta às virgens e fica fascinado com a beleza de Hadassa, que se apresenta pela primeira vez como Ester de Susã. Todas as moças do harém ficam eufóricas quando Hegai fala sobre os rituais de beleza, menos Ana e Ester. Quinlá e Hegai ficam impressionados com a beleza de Ester, que fica envergonhada com os elogios. Ester reluta, mas não consegue esquecer a troca de olhares com o rei durante o desfile. Assuero revela a Harbona que se interessa por uma moça de origem pobre e que a viu durante o desfile.

3º. Capítulo

... Hegai e Quinlá levam as virgens até um local cheio de joias e roupas belíssimas para que se arrumem para o rei. Ester é a única mulher que não está interessada em nada, já que sempre sonhou em se casar por amor. Passando algum tempo, várias virgens passam pelas mãos do rei, que sempre fica desapontado por não ser a mulher com quem trocou olhares durante o desfile.

Chega o dia em que Ester é a escolhida. Assuero finalmente fica surpreso e fascinado. Os dois se olham com encantamento.

4º. Capítulo

Ester fica surpresa quando Assuero diz que se lembra dela do dia do desfile. Ela diz que achava que o rei só tinha olhos para a nobreza. Assuero pergunta se ele é injusto com seu povo. Ester diz não achar justa a forma como as virgens foram levadas para o palácio. Assuero pergunta se Ester não está feliz por estar ali. Ela responde que sempre sonhou em entregar o seu corpo ao homem que já tivesse

conquistado seu coração. Ela fica surpresa quando ele diz aceitar o desafio de conquistá-la. Ester sente que Assuero mexeu com seu coração. Assuero não consegue parar de pensar em Ester. Hegai entrega papiros à Ester e diz que ela está virando a cabeça do rei. Ela lê fascinada a história dos papiros.

Hegai diz que Ester não sai dos pensamentos do rei.

Hegai anuncia que Assuero chamou Ester pelo nome para um passeio no bosque real. Ester e Assuero passeiam pelo bosque. Os dois conversam. Ester fica surpresa quando Assuero diz querer vê-la feliz, mesmo que ela vá embora do palácio para realizar seu sonho.

5º. Capítulo

Ester diz a Assuero que é melhor continuar no palácio. Assuero, discreto, comemora. Ela, no entanto, não quer ceder e diz apenas não poder se aventurar sozinha fora de Susã. Os dois se olham muito próximos, cheios de paixão. Ester volta para o harém e conta que Assuero a libertou, mas que ela não deseja sair dali. Ester segue até a presença de Assuero levando os papiros. Ele pede que ela leia. Assuero finge dormir quando Ester se aproxima e o beija levemente. Ela sai e Assuero finalmente dorme feliz e apaixonado.

Ester comemora quando Hegai anuncia que o rei mandou chamá-la.

Ester revela a Assuero que seu coração é dele. Ele, então, pede Ester em casamento. Os dois felizes se beijam apaixonados.

Ester desfila pelo corredor. Todos se curvam a ela, Ester se emociona, quando Assuero lhe entrega o colar que havia perdido. Ester é coroada rainha e Assuero declara seu amor.

6º. Capítulo

Assuero e Ester, felizes, trocam juras de amor. Assuero afirma viver um momento de plena felicidade junto de Ester. Os dois se beijam intensamente.

Desdobramentos narrativos das isotopias escolhidas:

Os trechos acima, dos seis capítulos, mostram a busca por uma nova rainha e a conquista do amor de Ester por Assuero e vice-versa.

Enunciado de estado:

Conjuntivo: $S \cap O$

1. O rei (S) está casado com a linda rainha Vasti (O).
2. Ester (S) junto com seu primo Mordecai (O).
3. O rei (S) deseja encontrar a moça (O) que viu no desfile da cidade.

Disjuntivo: $S \cup O$

4. O rei (S) expulsa Vasti (O) por desobediência.
5. Ester (S) é afastada de Mordecai (O) para fazer parte do harém real.
6. Ester (S) rejeita e desafia o rei (O) a princípio.

Programas narrativos:

PN1: o rei quer mostrar Vasti aos seus súditos na sua festa de comemoração de três anos de governo.

AntiPN1: Vasti se nega ir à presença do rei, e como castigo por desobedecê-lo é deposta.

PN2: Hadassa vive em harmonia com seu primo Mordecai, e sonha com o dia em que irão à terra de Davi.

AntiPN2: Memucã, o primeiro-ministro, aconselha o rei a montar um harém para escolher uma nova rainha. O exército real invade todas as casas do reinado de Assuero, capturando todas as virgens, inclusive Hadassa.

PN3: o rei deseja encontrar a moça (Ester) que viu no desfile.

AntiPN3: Ester diz ao rei que sempre sonhou em se entregar a quem já tivesse conquistado seu coração, o que não era o caso.

Sequência narrativa:

Nessa sequência narrativa o rei foi afrontado pela rainha Vasti e, aconselhado pelos seus súditos, a expulsá-la de seu reino. Memucã (destinador da manipulação) aconselha o Rei Assuero (sujeito operador) a procurar outra rainha (O).

Análise das sequências narrativas:

Assuero é o rei, possui o querer e a qualificação para procurar outra rainha, e recolhe todas as virgens de suas 127 províncias para seu harém.

Ester, ao entrar no harém, tem aulas de etiqueta palaciana juntamente com as outras virgens para se tornar uma rainha (PN uso). Ao reencontrar Ester, o rei se surpreende com sua beleza, personalidade e se espanta quando descobre que ela sabe ler, pois seu pai foi escriba, mas Ester (destinadora) o rejeita dizendo que sempre sonhou em se entregar ao homem que tivesse seu coração primeiro. Assuero (destinatário) aceita conquistá-la e desenvolve um PN de conquista. Assuero conquista Ester (sanção positiva). Eles se casam e Ester é coroada rainha.

Ambição: Hamã quer o trono de Assuero

Ambicioso, trama a morte do rei (que não tem herdeiros), e Hamã, sendo um príncipe e primeiro-ministro seria o substituto natural ao trono. Trechos dos capítulos 1, 2, 4, 5, 6 e 7.

1º. Capítulo

Hamã fica furioso com Mordecai. Dalfom (Paulo Gracindo) instiga ainda mais o ódio do pai. Zeres (Vanessa Gerbelli) pede que o marido se acalme e diz que depois que ele for nomeado imperador, Hamã poderá fazer Mordecai se curvar a ele. Hamã e Dalfom apoiam a ideia de Zeres.

2º. Capítulo

Zeres transforma a vulgar Tafnes e a deixa com aparência de virgem. Teres (Victor Hugo) e Bigtã (Felipe Martins) colocam Tafnes junto com as outras virgens, no harém.

4º. Capítulo

Harbona diz que Bigtã e Teres têm causado problemas ao trocarem informações privilegiadas em troca de ouro. Assuero fica furioso com a mentira de Bigtã e Teres. Eles insistem e Assuero decide dar mais uma chance aos eunucos, que ficam com raiva ao saber que terão que entregar todas as moedas de ouro. Bigtã e Teres pensam em comprar veneno para matar Assuero.

5º. Capítulo

O palácio está todo decorado. Zeres, antes mesmo de conhecer a futura rainha, tem planos de se aproximar dela por interesse.

6º. Capítulo

Hamã e Zeres planejam uma forma de matar o rei. Bigtã e Teres resmungam por não terem a vida que sempre sonharam. Bigtã e Teres tramam uma maneira de se vingar do rei. Eles são surpreendidos por Hamã. Os eunucos se ajoelham diante de Hamã e dizem que jamais fariam qualquer coisa contra o rei. Hamã os chantageia e pede que os dois eliminem Assuero de uma vez por todas.

Hamã, Zeres e Dalfom comemoram a morte de Assuero. Aridai fica revoltado e todos temem que ele conte a verdade ao rei.

Mordecai fica chocado ao ver Bigtã e Teres comprando veneno para matar o rei. Dalfom encontra os eunucos e ordena que a morte de Assuero aconteça logo. Mordecai pede que Ruben conte para Ester os planos de Bigtã e Teres. Ruben sai desesperado. Ester, apavorada, segue até a presença do rei sem ter sido chamada. Memucã se coloca contra a guerra, já Hamã insiste em conquistar novas terras. Aridai aparece de surpresa na reunião. Dalfom e Hamã ficam preocupados. Aridai é pressionado e não consegue contar a verdade ao rei. Bigtã e Teres colocam veneno nas taças sem que Simion veja. Ester pede que Harbona fale com Assuero. Ele diz que só pode se dirigir ao rei, quando ele chamar. Ester, nervosa, espera pelo chamado de rei. Simion serve vinho a todos na reunião. Memucã bebe a taça inteira de uma vez. Assuero está prestes a tomar o vinho. Harbona não sabe o que fazer.

7º. Capítulo

Harbona diz que Ester precisa falar com o rei urgentemente. Simion se sente mal. Ester revela o plano de Bigtã e Teres. Hamã e Dalfom ficam surpresos, mas disfarçam. Memucã se contorce de dor. Aridai, aflito, sabe que o primeiro ministro não aguentará muito. Assuero tenta socorrer, mas é em vão. O fiel amigo morre nos braços do rei, que fica desolado. Bigtã e Teres tentam fugir depois de saberem que Ester contou a verdade para o rei. Assuero ordena que Bigtã e Teres sejam levados até eles. Ester fica tensa ao ver a pulseira amalequita no braço de Hamã. Harbona pensa em chamar um feiticeiro para curar Simion, mas ele se recusa. Ele afirma que será curado se for a vontade de Deus. Harbona fica impressionado com a fé de Simion.

Começa a perseguição no palácio em busca dos eunucos traidores. Dalfom ameaça Bigtã e Teres ao dizer que se eles mencionarem o nome de Hamã diante do rei, a família deles será morta. Finalmente, os dois são presos. Hamã teme que Bigtã e Teres, pressionados pelo rei, falem a verdade. Assuero ordena que os dois sejam levados à força. Ele também anuncia que Hamã será o primeiro ministro. O rei não se conforma com a atitude dos eunucos assim como com a morte de Memucã.

Hamã e Zeres continuam tramando uma maneira para chegar ao trono. Aridai escuta tudo indignado.

Desdobramentos narrativos das isotopias escolhidas:

Esses trechos dos seis capítulos acima mostram a ambição de Hamã que não mede esforços para conseguir o trono da Pérsia. Coloca uma mulher egípcia (Tafnes) no harém, para que seja a escolhida do rei, assim conseguiria eliminar o rei sem levantar suspeitas. Como Tafnes não foi escolhida como rainha, Hamã planeja junto com dois eunucos, para que coloquem veneno na bebida do rei.

Enunciado de estado:

Conjuntivo: S \cap O

1. Hamã (S) é príncipe e conselheiro do rei (O).

1. Hamã (S) é nomeado primeiro ministro (O).

Disjuntivo: S U O

1. Hamã (S) deseja o trono (O) de Assuero.

Programa narrativo:

PN1: Incentivado por Dalfom e Zeres, Hamã coloca uma aliada no harém, Tafnes.

AntiPN1: o rei Assuero declara à Harbona que nunca mais quer ver Tafnes em sua frente.

PN2: Hamã, aproveitando da raiva que Bigtã e Teres sentem por Assuero, os convencem a envenenar a bebida do rei.

AntiPN2: Ester avisa o rei sobre o atentado dos eunucos.

PN3: ao ser convidado para um banquete pela rainha, Hamã acha que é uma possibilidade de ganhar mais confiança do rei.

AntiPN3: a rainha declara que é judia. Assuero ordena a morte de Hamã.

Análise das sequências narrativas:

Hamã, mesmo sendo um príncipe, deseja o trono da Pérsia. Ele (destinador) manipula os eunucos guardiões (destinatários) do harém das virgens a colocar Tafnes, sua aliada, sem que ninguém perceba (sanção positiva).

Uma vez no harém, Tafnes passa por um treinamento (PN uso) de etiqueta palaciana para ser uma rainha. Chega o dia em que Tafnes passará a noite com Assuero, porém, não agradou o rei.

Os eunucos Bigtã e Teres são obrigados pelo rei a devolverem todas as moedas de ouro que conseguiram por venderem informações do palácio. Ficaram revoltados e com ódio de Assuero. Aproveitando desta raiva, Hamã (destinador) manipula os eunucos (destinatários) para envenenarem o vinho do rei. Eles conseguem envenenar o vinho real, porém, quem morre é Memucã (sanção

negativa), o primeiro-ministro.

Como primeiro-ministro Hamã ainda não está satisfeito, pois o que deseja é ser rei. Cego de ambição não pensa duas vezes e aceita o convite para um banquete oferecido pela rainha, mesmo Zeres, intuindo coisas ruins, pedindo para que ele não vá.

No banquete, quando vê que condenou a própria rainha à morte pede clemência (destinador) para a rainha (destinatária), porém, é condenado à força (sanção negativa).

Existem outras tramas paralelas, mas este trabalho se concentrou nas que foram compreendidas como mais importantes. Ester esteve presente em todas as sequências analisadas, confirmando sua importância nessa história. Com sua coragem e audácia salvou o rei e seu povo da morte e também salvou Ana, sua melhor amiga, da força.

Na trama, Ana vive um romance tipo *Romeu e Julieta*⁸, no qual uma judia se apaixona e engravida de um amalequita (Aridai). Um amor impossível, primeiro por serem de religiões inimigas, e depois porque Ana é raptada para o harém de Assuero, e por não ser virgem e estar grávida pode ser condenada à força. Graças à heroína, consegue que Assuero liberte sua amiga do harém.

Quando volta a seu lar, é decretada a morte dos judeus, e Aridai renega sua família e religião para lutar ao lado dos judeus, é morto por Dalfom, seu irmão. Enquanto morre, seu filho nasce.

Um rápido “voo noturno” na diacronia da ficção evidencia a existência de um conjunto de temas recorrentes próprios a cada cultura. Na cultura ocidental esse elenco abarca desde os autores gregos e latinos, assim como os autores de fundação de cada cultura que funcionam como modelos, paradigmas, com Dante, Shakespeare, Cervantes, Rabelais e Camões, entre outros (BALOGH, 2002, p. 81).

A minissérie *A História de Ester*, como já foi dito, é uma obra baseada em um texto bíblico. As minisséries brasileiras têm a tradição de serem adaptações de obras literárias (BALOGH, 2002, p. 127). E como uma obra de adaptação entre o

texto de partida (Bíblia) e o texto de chegada (minissérie), além do texto-base, contém temas recorrentes.

Assim, nota-se na minissérie *A História de Ester*¹¹ essa tradicionalidade de temas recorrentes como *Romeu e Julieta*, com Ana e Aridai, e *Cinderela*, com a heroína que vem de um povo pobre e se casa com o rei, que tem até um “cavalo branco”.

¹¹ Entrevista da autora Vivian de Oliveira disponível [HTTP://www.rederecord/programas/a-historia-de-ester/bastidor](http://www.rederecord/programas/a-historia-de-ester/bastidor) publicado em 25/02/2012: “A minissérie *A História de Ester* terá tramas paralelas ao enredo principal da rainha Ester que ajuda a salvar o povo judeu do extermínio no Império Persa, em 479 a.C. Para isso, a autora criou novos personagens. Em entrevista ao R7 ela adiantou a novidade.” – Só os personagens da Bíblia não sustentariam a minissérie de dez capítulos.” Para isso, ela deu até um toque do clássico *Romeu e Julieta* ao criar a personagem Ana (Letícia Colin), melhor amiga de Hadassa. “- Ana se apaixonará por Aridai (Paulo Nigro), um dos filhos do primeiro ministro Hamã (Paulo Gorgulho), e eles vão viver um romance proibido. Hamã odeia os judeus.

5. ANÁLISE DISCURSIVA NA MINISSÉRIE

5.1. Discurso- Definição

No nível discursivo foram buscadas a mediação entre as estruturas narrativas e as discursivas, e o desenvolvimetro temático e figurativo do texto. Os temas que orientam e sustentam a minissérie correspondem aos acontecimentos que envolvem a personagem central Ester, e se dividem em: guerra, amor e ambição.

O sujeito da enunciação faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e “conta” ou passa a narrativa, transformado-a em discurso (BARROS, 2005, p. 53).

Considerando as análises feitas, pode-se observar que a minissérie *A História de Ester* recai em algumas temáticas universais: amor, guerra, religião, ambição e vaidade.

Discurso é uma unidade do plano de conteúdo, é o nível do percurso gerativo de sentido, em que formas narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos (FIORIN, 1999, p. 31).

As temáticas já foram analisadas juntamente com as narrativas, elas se traduzem em recursos figurativos que serão retomadas em algumas cenas para demonstrar sua importância dentro da história:

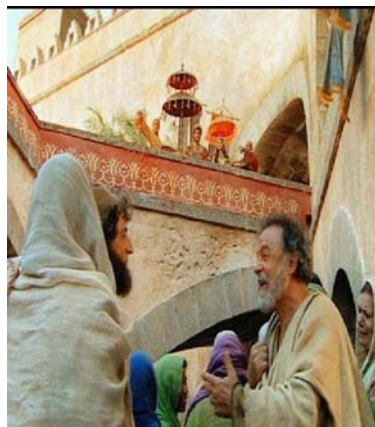
Essas cenas formam a sequência em que o rei Assuero decreta que Ruben será eunuco, e a cena de coroação de Ester. Observe-se a primeira cena: a câmera vem de cima para baixo, e na segunda, o rei está em cima e o súdito ajoelhado nos degraus bem abaixo da figura do rei.

“alto x baixo” representando “poder x humildade”

Quadro 1 – O rei decreta que Ruben será eunuco



Quadro 2 – Aparição da nova rainha (Ester) ao povo de Susã



Quadro 3 – Morte e vida dos judeus



5.2. Tempo e espaço em *A História de Ester*

A categoria da temporalidade, no entanto, está intrinsecamente ligada à categoria da espacialidade na organização discursiva. Essa junção começa pelos aspectos mais evidentes que desvelam a mimese da arte em relação ao real: a representação do dia, da noite, do crepúsculo, das estações do ano como demarcadores temporais (BALOGH, 2002, p. 74).

Na minissérie *A História de Ester* suas tramas ocorrem, em sua maioria, no tempo diurno: 1- os pais de Hadassa são mortos durante o dia; 2- Hadassa vê Assuero pela primeira vez; 3- Mordecai se nega a curvar-se diante de Hamã no desfile do rei; 4- as virgens são raptadas para o harém; 5- o tratamento de beleza de todas as candidatas à rainha; 6- o passeio a cavalo de Ester com o rei é durante o dia e 7- o dia do banquete oferecido por Ester ao rei e Hamã, o clímax.

O nível discursivo opera sobre os mesmos elementos que a análise narrativa, porém, retoma aspectos que naquela foram deixados de lado tais como a cobertura figurativa e conteúdos narrativos, os temas, mecanismos de delegação do saber, modos de organização dos atores, da espacialidade e da temporalidade etc. (BALOGH, 2002, p. 69).

Nos quadros mostrados abaixo, pode-se confirmar essa temporalidade, acompanhando as sequências da esquerda para a direita.

Quadro 4 - A morte dos pais de Hadassa (*flashback*)



Quadro 5 – A primeira troca de olhares entre Ester e Assuero



Quadro 6 – Mordecai se nega a curvar-se diante de Hamã no desfile do rei



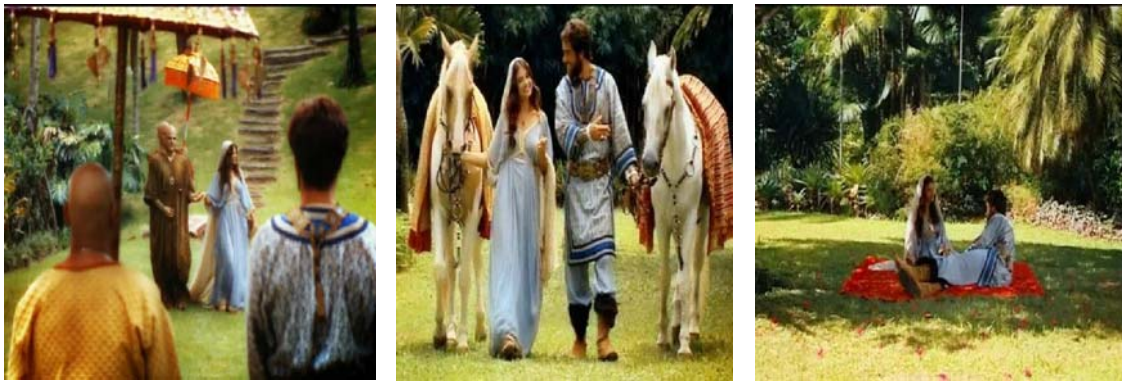
Quadro 7 – O rapto das virgens



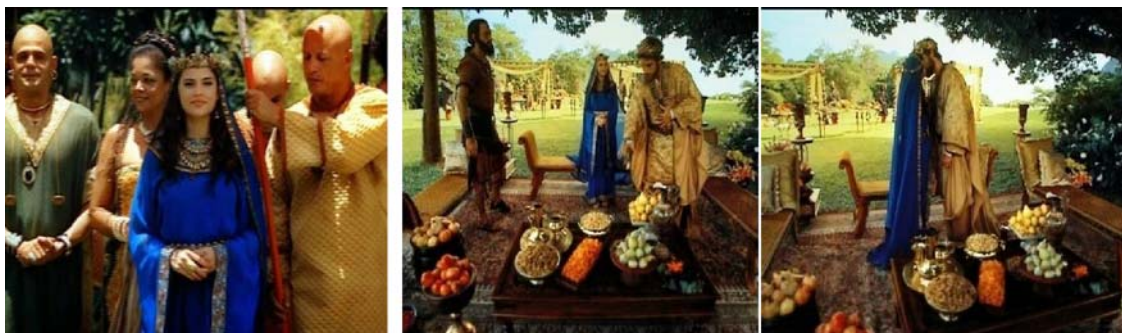
Quadro 8 - O tratamento de beleza das virgens

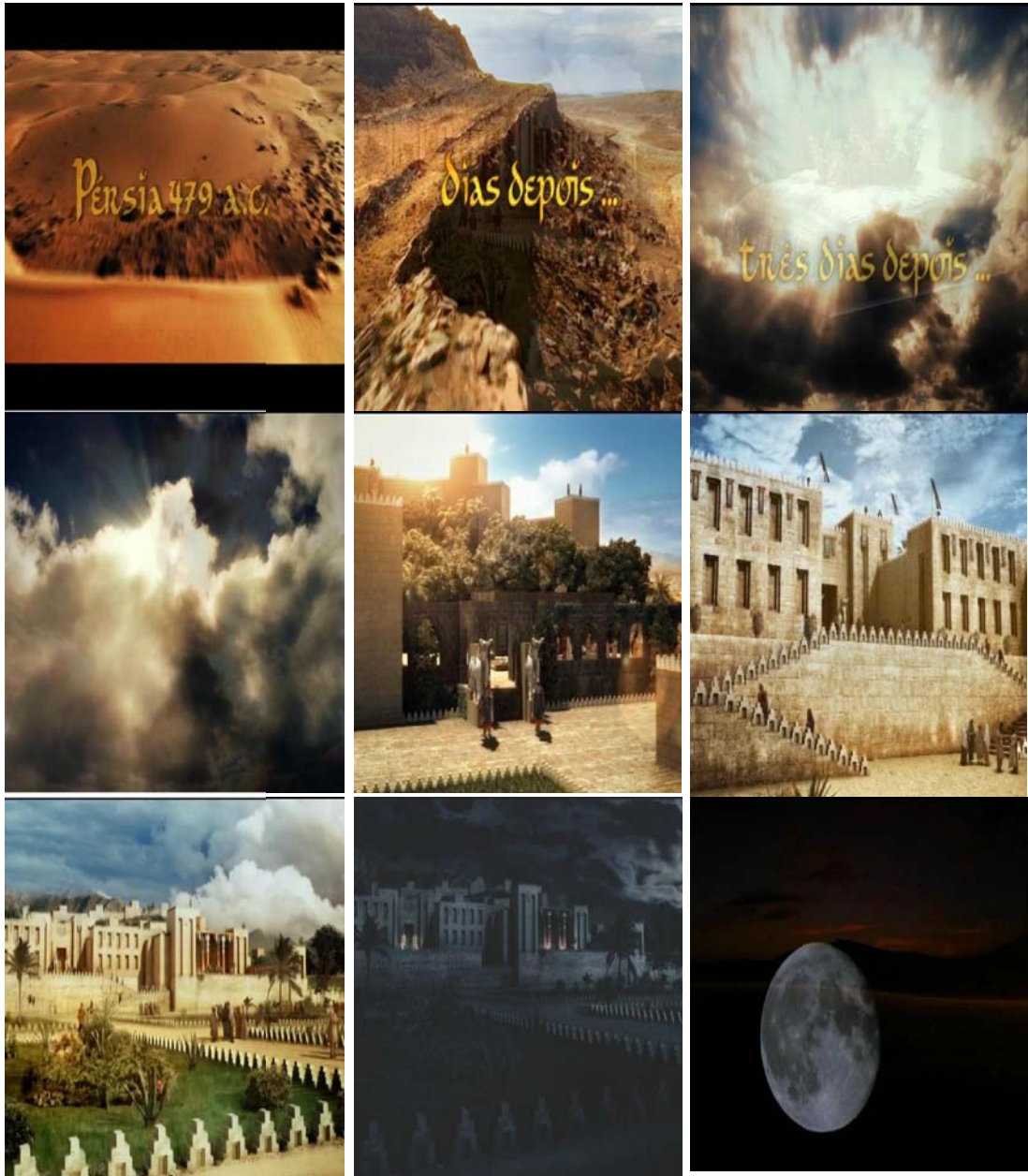


Quadro 9 – O passeio a cavalo de Ester com o rei



Quadro 10 – O dia do banquete oferecido por Ester ao rei e Hamã



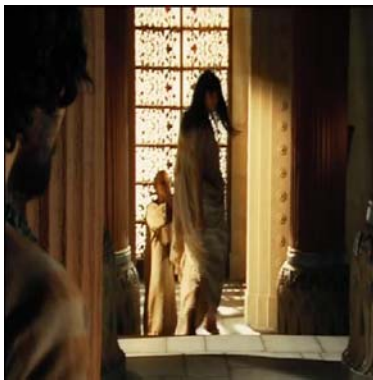
Quadro 11 – Indicadores de passagem do tempo

Podemos notar que o espaço das tramas da minissérie, ocorre preferencialmente no palácio. No interior do palácio, sobressaem espaços intermediários próprios a intrigas.

Os conflitos geralmente acontecem após as reuniões com o rei, e é nos corredores que são pactuados os complôs contra o rei e a rainha.

As cenas abaixo mostram esse cenário:

Quadro 12 – Os eunucos Bigtã e Teres colocando Tafnes no harém



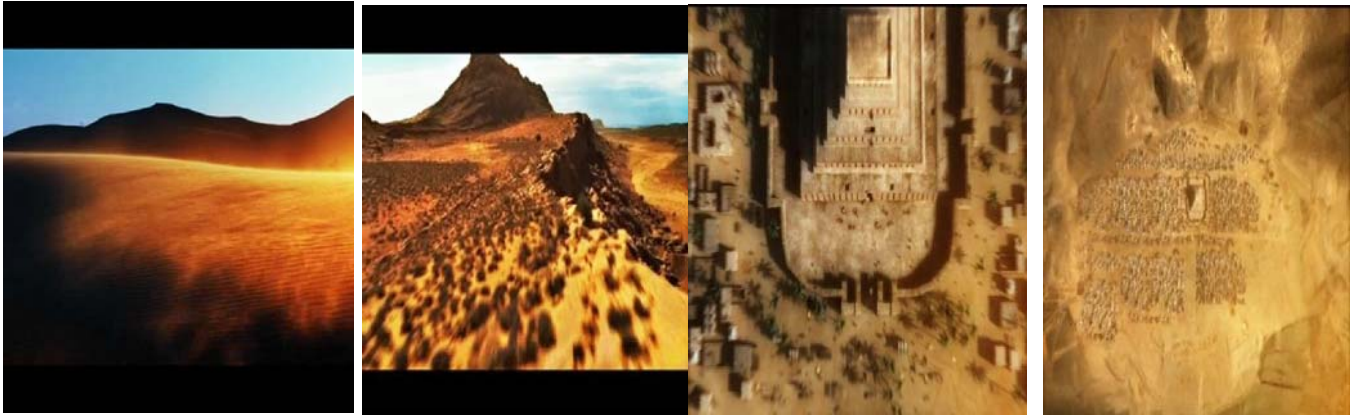
Quadro 13 – Os eunucos planejando a morte do rei com Hamã



Quadro 14 – Hamã humilhando Mordecai quando chega Memucã



Quadro 15 – Localização da cidade de Susã, no meio do deserto (hoje Irã).



Nota-se, numa narrativa e discurso bem construídos, que todos os conflitos e sentidos vistos serão uma tradução adequada no plano da materialidade (plano de expressão).

As cenas abaixo mostram os figurinos do povo de Susã. As cores em tons pastéis se caracterizam pelo minimalismo, sobretudo se comparadas às da realeza. Princípio retórico do contraste.

Cromático X Monocromático

Quadro 16 – O povo e a realeza





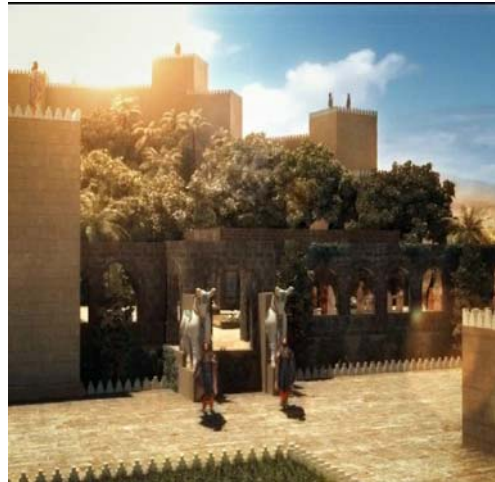
Pode-se notar os acessórios em excesso na realeza, a maioria em tons dourados, sempre mostrando pompa. Até os serviçais usam roupas e acessórios muito coloridos

Quadro 17 – Vestuário e acessórios dos serviçais reais



As cores fazem parte da vida do homem porque são vibrações do cosmo que penetram em seu cérebro, para continuar vibrando e impressionando sua psique, para dar sabor à vida, ao ambiente (FARINA, 1982, p. 112).

Quadro 18 – Moradia do povo X moradia da realeza



A heroína passa por várias etapas na minissérie, arrancada de seu humilde lar para fazer parte do harém, tem aulas de etiqueta palaciana e é coroada rainha. Apesar de ser judia, sua religião ensina a não ostentar, é obrigada a usar alguns acessórios, mesmo sendo os mais simples.

No desenrolar da trama nota-se que cada vez que Ester passa por uma situação decisiva, os seus vestidos são de tom azul escuro e roxo, e quando está em equilíbrio usa cores claras.

O azul tem origem no árabe e no persa *lázúrd*, por *lazaward* (azul). É a cor do céu sem nuvens. Dá a sensação do movimento para o infinito. Segundo Miller (2006, p. 188), representa a cor imaterial, capaz de despertar no ser humano um profundo desejo de pureza e de contato com o divino, e traz a paz e a calma.

O roxo associa mistério, grandeza, espiritualidade e delicadeza, segundo Farina (1982, p. 115).

Quadro 19 – Transformação de Ester



Constata-se claramente essa mudança, observando os quadros acima, o cromatismo está fortemente presente nessa minissérie, começando pela vinheta, e transitando pelos objetos, roupas e ambientes palacianos.

Observando a trajetória de Ester nesses quadros, nota-se que eles reiteram o percurso dessa personagem na vinheta, na qual as cores servem de plano de fundo para uma mulher simples caminhando pelo deserto. As cores de Ester predominam, representadas pelo azul do céu, o verde na guerra, até chegar à cena da coroação, em que a heroína está de laranja, cor que representa a força.

Na vinheta existe uma divisão horizontal em que a parte superior é totalmente dominada pelo azul e a inferior pelo amarelo e o vermelho. É quando nota-se a presença do rei, do poder. O amarelo passa a sensação de calor, de velocidade, e o azul controla essa aceleração.

Vermelho é uma cor de autoconfiança, masculina por natureza (Miller, 2006, p. 195). O amarelo dourado tem uma relação com reis e imperadores em muitas culturas. Nas tradições orientais é a cor da eternidade e da fertilidade (Miller, 2006, p.42).

Durante essa análise da minissérie, observou-se que a vinheta resume perfeitamente o enredo desta história, incorporando de forma pertinente a simbologia das cores e desenvolvendo-a com maestria ao longo de sua apresentação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos capítulos anteriores foi apresentada e estudada a minissérie *A História de Ester*, com base no referencial teórico para compreensão e articulação entre gêneros literários (Bíblia)¹² e gêneros televisuais (minissérie).

Com essa incursão foi possível perceber que o televisual resgata elementos do bíblico, motivo pelo qual foram adotados os conceitos da semiótica greimasiana e os estudos do *Groupe d'Entrevernes*.

Deslindar os fios que entretecem a minissérie *A História de Ester* foi parte da tarefa proposta neste trabalho, buscando compreender a narrativa seriada como gênero televisual que constrói dentro da complexidade dos discursos que constituídos ideologicamente por palavras, gestos e imagens, mimetizam a vida. A minissérie representa por si só uma tentativa de penetrar a imensa intertextualidade que caracteriza as relações religiosas e suas transmutações possíveis nos audiovisuais contemporâneos.

Espera-se terem sido profícuas as discussões até aqui realizadas, tendo como ponto de partida observar a narrativa e a discursividade do amor e da guerra como temas centrais dessa minissérie, em conjunção com outros como ambição.

Dessa forma, foi considerada a especificidade do discurso do amor e da guerra sobre múltiplos planos que estruturam a sua linguagem, desde a figuritização do espaço e tempo e personagem e algumas de maior tradução no plano de expressão.

E ainda que, nos capítulos analíticos pouco se trabalhou apontando explicitamente acerca da teoria discursiva, espera-se ter esclarecido que as análises e considerações sobre o objeto em que foram integradas as teorias do audiovisual, durante todo o tempo pautaram-se pela consideração teórico-metodológica da análise do discurso, que nesta pesquisa constitui-se mais do que uma ferramenta, mas como uma forma bastante particular de perceber o objeto.

¹² (...) obra de grande força e autoridade literária, obra sobre a qual se pode perfeitamente acreditar que tenha podido moldar as mentes e vidas de homens e mulheres inteligentes por mais de dois milênios. (...) E a Bíblia, considerada como um livro atinge seus efeitos por meios que não são diferentes dos geralmente empregados pela linguagem (ALTER; KERMODE, 1997, p. 12).

Assim, foi possível perceber nas análises realizadas a existência de uma forte demarcação na representação dos espaços configurados como *o palácio* e as ruas *de Susã*, que foi responsável pela figurativização desses lugares – caracterização dos personagens e cenários.

Mesmo sendo o objeto de estudo uma minissérie bíblica, dentro da trama houve uma estrutura melodramática, que caracteriza as novelas. Para isso, podem ser citados ainda a presença do casal protagonista, do vilão, da heroína, e o “final feliz”.

O palácio é caracterizado como um ambiente complexo, o qual é palco para os conflitos internos e externos.

A lógica *ser é ter, é poder* rege grande parte das relações dos núcleos dos personagens dessa minissérie, marcados por jogos de sedução, traição e falsidade.

A *História de Ester* passa uma mensagem de que o amor e a fé vencem qualquer obstáculo. A heroína passa por uma trajetória em que firma a sua importância, e observa-se que ela é a intersecção de todos os núcleos de personagens.

As minisséries manifestam também um forte pendor para a estruturação em torno de protagonistas femininas marcantes. As heroínas, independentemente da época em que a micronarrativa se situe, costumam desafiar, das mais variadas maneiras, a sociedade a que pertencem (BALOGH, 2002, p. 132).

E como afirma Balogh (2005, p. 223), na maioria das minisséries há um merecido destaque para as heroínas sejam elas plasmadas a partir do real, sejam elas revestidas pelos róseos véus da ficção a partir do real ou, ainda, sejam totalmente nascidas do universo fictício.

A produção desta minissérie contou com investimento de R\$ 500.000,00 por capítulo, obteve índices do Ibope satisfatórios, e depois dela a emissora já produziu mais duas minisséries, sendo a última *Rei Davi*, com 30 capítulos, e um orçamento de R\$ 25 milhões- cada episódio teve um custo de R\$ 850 mil¹³.

¹³ Disponível no site: <http://diversao.terra.com.br/tv/noticias/O,,OI5556449-EI12993,00-jornal:01/02/2012>

REFERÊNCIAS

1. Livros:

ALTER, R. & KERMODE, F. (orgs). **Guia literário da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

BALOGH, A. M. **O Discurso Ficcional na TV**. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. **Conjunções, Disjunções, Transmutações**. Da Literatura ao Cinema e à TV. São Paulo, Annablume, 2005, 2ª.edição revista e aumentada.

BARROS, D. L. P. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, R. **A Câmara Clara - Nota sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, R. *et al.* **Análise Estrutural da Narrativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil, Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BORELLI, S. H. S. e PRIOLLI, G. **A Deusa Ferida- porque a Rede Globo não é mais a campeã de audiência**. São Paulo. Summus Editorial, 2000.

COMPARATO, D. **Da Criação ao Roteiro – Teoria e Prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

DONDIS, D. **A Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUARTE, J.; BARROS, D. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

GREIMAS, A. J. **Análise da Narrativa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1984.

FARIA, M. **Psicodinâmica das Cores em Comunicação**. São Paulo: Edgar Blucher, 1982.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1999.

GROUPE D'ENREVERNES. **Signes et paraboles: sémiotique et texte évangélique**. Paris: Éditions du Seul, 1977

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em Comunicação**. 8ª. edição. São Paulo: Loyola, 2005.

MILLER, L. R. B. **A Cor no Processo criativo- Um estudo sobre a Bauhaus e a teoria de Goethe**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

NASCIMENTO, G. C. O Tempo Minésico da Enunciação e o Tempo Crônico do Enunciado em "Carlota Joaquina". **Significação-Revista Brasileira de Semiótica**, São Paulo, n. 16, nov. 2001.

NASCIMENTO, G. C. **A Intertextualidade em Atos de Comunicação**. São Paulo: Annablume, 2006.

OROFINO, M. I. **Mediações na produção de TV: um estudo sobre O Auto da Compadecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PEÑUELA CAÑIZAL, E.; CAETANO, K. (Orgs.). **O Olhar à Deriva - Mídia - Significação - Cultura**. São Paulo: Annablume, 2004.

PROPP, V. **Morfologia do Conto**. 5ª edição. Lisboa: Editora Vega, 2003.

REUTER, Y. **A análise da narrativa – o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

2. Dissertações e teses:

JUNQUEIRA, V. H. G. **PAOLO VERONESE- O simulacro de um ensinamento profano**. Tese de Doutorado – Escola de Comunicações e Artes – ECA, Universidade de São Paulo, 1991.

ALVES, C. A. **Narradores de Javé: Uma análise semiolinguística do discurso fílmico**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MURAKAMI, M. H. **Vidas Opostas, Vidas Expostas – A violência na telenovela.** Dissertação de Mestrado – Escola de Comunicações e Artes – ECA, Universidade de São Paulo, 2009.

3. Artigos:

ALVES, A. J. A. A. **Revisão bibliográfica em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis.** Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 81, maio, 1992. p. 53-60.

BALOGH, A. M. **Televisão: ficção seriada e intertextualidade.** CCS, USP, N 3, Set-Dez, 2007, PP.43- 49.

_____. **‘Minisséries: La crème de la crème da ficção na TV. Dossiê Televisão.** CCS, USP, N.61, Mar-Maio, 2004, pp.94- 101.

_____. **As minisséries, o feminino e o imaginário brasileiro.** Disponível: http://ciec.org.br/ciec_site/Artigos/Revista_5/Balogh.pdf Acesso: 15/02/2011.

PAULA, A. C. **Tragédia, epopeia e lírica: as narrativas das mulheres do ntigo Testamento.** Disponível em: <http://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/MA/article/viewFile/683/684> Acesso em: 22/03/2010.








RAMOS, K. H. P. **Semiótica e Bíblia: Como utilizar o modelo do percurso gerativo do sentido de Greimas para análise de textos bíblicos.** Disponível: <http://www.filologia.org.br/exfelin/trabalho/doc/61.doc> Acesso: 05/05/2011.

ANEXOS









ANEXO 1 - Elenco da minissérie *A História de Ester*

		
Ator: Andre di Mauro		Personagem: Hegai
		
Atriz: Barbara Maia		Personagem: Hadassa
		
Atriz: Cássia Linhares		Personagem: Lia
		
Atriz: Daniela Galli		Personagem: Rainha Vasti

		
Atriz: Eliete Cigarini		Personagem: Rebecca
		
Ator: Ewerton de Castro		Personagem: Mordecai
		
Ator: Felipe Martins		Personagem: Bigtã
		
Ator: Gabriel Gracindo		Personagem: Dalfom

		
Atriz: Gabriela Durlo		Personagem: Ester/Hadassa
		
Ator: Giuseppe Oristânio		Personagem: Joel
		
Ator: Juan Alba		Personagem: Abiail
		
Atriz: Lana Rodes		Personagem: Tafnes

		
Atriz: Leticia Colin		Personagem: Ana
		
Ator: Marcio Kieling		Personagem: Ruben
		
Ator: Marcos Pitombo		Personagem: Rei Assuero
		
Atriz: Maria Ceica		Personagem: Quinla

		
Ator: Mauricio Ribeiro		Personagem: Simion
		
Ator: Paulo Figueiredo		Personagem: Memucã
		
Ator: Paulo Gorgulho		Personagem: Hamã
		
Ator: Paulo Nigro		Personagem: Aridai

		
Ator: Rocco Pitanga		Personagem: Harbona
		
Atriz: Vanessa Gerbelli		Personagem: Zeres
		
Ator: Vitor Hugo		Personagem: Teres

³Disponível: <http://www.rederecord.com.br/programas/a-historia-de-ester-/personagens.asp?> : 19/05/2010.

ANEXO 2 - Quadro das minisséries brasileiras de 1982 a 2010

REDE GLOBO = 70 PRODUÇÕES

ANO	TÍTULO
1982	Quem ama não mata
1982	Avenida Paulista
1982	Lampião e Maria Bonita
1983	Parabéns pra Você
1983	Fernando da Gata
1983	Bandidos da Falange
1983	Moinhos do Vento
1984	Rabo de Saia
1984	A Máfia no Brasil
1984	Anarquistas, Graças à Deus
1984	Meu Destino é Pecar
1984	Padre Cícero
1985	Grande Sertão: Veredas
1985	Tenda dos Milagres
1985	O Tempo e o Vento
1986	Memórias de um Gogolô
1986	Anos Dourados
1988	Abolição
1988	Primo Basílio
1988	O Pagador de Promessas
1989	República
1989	Sampa
1990	La Mama
1990	Riacho Doce
1990	Boca do Lixo
1990	A, E, I, O...Urca
1990	Desejo
1991	O Portador
1991	O Sorriso do Lagarto
1991	Meu Marido
1992	Anos Rebeldes
1992	As Noivas de Copacabana
1992	Tereza Batista
1993	Agosto
1993	Sex Appeal
1993	Contos de Verão
1994	A Madona de Cedro
1994	O Memorial de Maria Moura
1994	Incidente em Antares
1995	Engraçadinha... seus amores e seus pecados
1995	Decadência
1997	Guerra de Canudos
1998	Dona Flor e Seus Dois Maridos

1998	Hilda Furacão
1998	Labirinto
1999	Auto da Compadecida
1999	Chiquinha Gonzaga
1999	Luna Calienta
2000	A Muralha
2000	A Invenção do Brasil
2000	Aquarela do Brasil
2001	Os Maias
2001	A Presença de Anita
2002	Quinto dos Infernos
2003	A Casa das Sete Mulheres
2004	Um Só Coração
2005	Mad Maria
2005	Hoje É Dia de Maria
2006	JK
2007	Amazônia, de Galvez a Chico Mendes
2008	Poeira em Alto Mar
2008	Queridos Amigos
2008	Capitu
2009	Deu a Louca no Tempo
2009	Maysa – Quando Fala o Coração
2009	Som & Fúria
2009	<u>Ger@l.com</u>
2009	Acampamento de Férias
2009	Cinqüentinha
2010	Dalva e Herivelton – Uma canção de Amor

REDE MANCHETE = 16 PRODUÇÕES

ANO	TÍTULO
1984	Santa Marta Fabril S.A
1984	Viver a Vida
1984	Marquesa de Santos
1985	Tudo em Cima
1987	A Rainha da Vida
1990	Rosa dos Rumos
1990	Mãe de Santo
1990	O Canto da Sereia
1990	A Escrava Anastácia
1991	O Fantasma da Ópera
1991	O Guarani
1991	Floradas da Serra
1991	Na Rede de Intrigas
1991	O Farol
1991	Ilha das Bruxas
1991	Filhos do Sol

REDE RECORD = 12 PRODUÇÕES

ANO	TÍTULO
1997	A Sétima Bala
1997	Velas de Sangue
1997	Uma Janela para o Céu
1997	A Filha do Demônio
1997	Olho da Terra
1997	Por Amor e Ódio
1997	Direito de Vencer
1997	O Desafio de Elias
1998	Alma de Pedra
1998	Do Fundo do Coração
1998	A História de Ester
2010	A História de Ester

REDE BANDEIRANTES = 4 PRODUÇÕES

ANO	TÍTULO
1988	O Cometa
1988	Chapadão do Bugre
1989	Colônia Cecília
1989	Capitães da Areia

REDE CULTURA = 8 PRODUÇÕES

ANO	TÍTULO
2009	O Louco dos Viadutos
2009	Além do Horizonte
2009	Unidos do Livramento
2009	O Amor Segundo Benjamin Schianberg
2009	João Miguel
2009	Trago Comigo
2010	O Mistério de Adão
2010	Yasmin

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista de miniss%C3%A9ries brasileiras](http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_miniss%C3%A9ries_brasileiras)
 acesso: 3/08/2011.

ANEXO 3 – Funcionários da produção da minissérie *A História de Ester*

Funcionários da Produção da Minissérie <i>A História de Ester</i>	
Adaptação:	Vivian de Oliveira
Arte:	Alexandre de Araujo Farias
Assistente de Direção:	Michele Lavallo, Guilherme Camuratti, Pedro Zoca
Caracterização e coordenação de maquiagem:	Marcelo Anciliolti
Cenografia:	Daniel Clabrendo, Fabiana Massariol
Colaboradores:	Altenir Silva, Camilo Pelegrini, Maria Cláudia Oliveira
Colometria:	João Marins, Vinicius Abrantes
Coordenação de Pós-Produção:	Mauro Telles, Jorge Gomes, Sergio Pargana
Coordenação de Produção:	Tatiana Duarte, Fábio Tanora, Denise Ariano, Karle Fassini, Juliano Antunes.
Coprodução Musical:	Manoel Barenbein
Departamento de Elenco:	Fernando Rancoleta, Bianca Russo, Luis Eduardo Pradella
Direção de Fotografia:	Ricardo Fuiji
Direção de Iluminação:	Renato Pedroso, Walter Aguiar
Direção de Imagem:	Márcio Salim
Direção de Operações:	Alexandre de Araujo Costa
Direção de Produção:	Anderson Souza
Direção Geral de Teledramaturgia:	Hiran Silvério
Direção:	João Camargo, Cesar Rodrigues, Régis Faria
Edição:	PH Farias, Pedro Duran, Gabriel Paiva, Ailton Carioca
Efeitos Visuais:	Marcelo Brandão, Ronald Willian, Walter Peruchi, Daniel Soggi, Ricardo Rocha, Fabrício Baessa, Daniel Mattos, Luciano Brasil, Max Loeser, Marcelo Ferreira, Daniele Monge

Funcionários da Produção da Minissérie “A História de Ester”	
Equipe de Continuidade:	Fátima Sobral, Elaine Jacob, Elizângela Jacob, Dayanna Januzzi
Figurino:	Edson Galvão
Finalização:	Alan Alencar, Gil Fardos, Paulo Amorim, João Marcos, Marcos Moura
Gerência de Apoio à Arte:	Maria Pimentel
Gerência de apoio ao Figurino:	Ana Neibi
Gerência de Operações Enográficas:	Erlon Otto Lage
Historiador:	Maurício dos Santos Ferreira
Narração:	Roberto Bomtempo
Operação de Áudio:	Brás José Augusto de Souza, Rui Paulo Johnny Michel de Jesus, Murilo Cesar Passos, Maria da Fonseca Coutinho.
Operação de Câmera:	Francisco Maria de Mello Filho, Marcus Ferreira, Paulo Marcio Castro França, Wagner Luiz Ribeiro, Eugen Kurlen, Pedro Otávio, Gustavo Henrique de Freitas
Operações de Vídeo:	Marcio Bispo do Nascimento, José Henrique (Katita)
Participação Especial:	Roberto Prillo, Roney Villela, Patrícia Elzardo, Rebecca Ahamed, Carolina Freitas
Preparação de elenco:	Maria Silva Siqueira Campos
Produção Executiva	Cláudio Araujo
Produção Musical:	Daniel Figueiredo
Produção:	Alexandre Mendonça, Vanessa Siqueira, Patrícia Lourenço
Sonorização:	Sérgio Rocha, Ciro Albuquerque, Wilson Jr., Marco Jorge, Fábio Rodegheri
Supervisão de Operações:	Gil Amorim

Disponível: <http://www.rederecord.com.br/programas/a-historia-de-ester/-produção.asp> : 19/05/2010